

**Sofia Alexandra da Silva Dias**

**Real e Imaginário: Uma história de Simbiose**  
**Um estudo com crianças de 4 e 5 anos**



**Universidade do Algarve**  
**Escola Superior de Educação e Comunicação**  
**2021**

Sofia Alexandra da Silva Dias

**Real e Imaginário: Uma história de Simbiose**  
**Um estudo com crianças de 4 e 5 anos**

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada  
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho realizado sob a orientação de:  
Professora Doutora Carla Alexandra Dionísio Gonçalves  
Professora Doutora Olga Maria Costa da Fonseca



**Universidade do Algarve**  
**Escola Superior de Educação e Comunicação**  
**2021**

**Real e Imaginário: Uma história de Simbiose**  
**Um estudo com crianças de 4 e 5 anos**

**Declaração de autoria do trabalho**

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Copyright

Sofia Alexandra da Silva Dias

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Fui mostrar a minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei-lhes se o meu desenho lhes metia medo. As pessoas grandes responderam: “Como é que um chapéu pode meter medo?”

O meu desenho não era um chapéu. O meu desenho era uma jibóia<sup>1</sup> a digerir o elefante.

Antoine de Saint-Exupéry, 1946

<sup>1</sup>Todas as transcrições mantiveram a grafia original.



## Agradecimentos

Este é o momento em que olhamos para trás e reconhecemos o esforço, a dedicação e, especialmente, todos os que fizeram parte deste enorme processo: o mestrado. É com um sentimento de nostalgia que reflito acerca destes dois anos e daquilo que me proporcionaram. Foram os momentos ricos em aprendizagens e partilhas, vividos nessa altura, que propiciaram o meu desenvolvimento a nível pessoal e profissional. Porém, este processo não seria possível sem o apoio incondicional e motivação de várias pessoas que me acompanharam ao longo desta caminhada. Assim, quero agradecer àqueles que tornaram este momento possível, que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus avós pela maravilhosa infância que me proporcionaram, pela liberdade de explorar o mundo em meu redor e pelos valores que me transmitiram. Aos meus pais, ao meu irmão e à restante família, pelo apoio e motivação na conclusão deste percurso.

Agradeço às minhas Orientadoras, Professora Doutora Carla Dionísio Gonçalves e a Professora Doutora Olga Maria Costa da Fonseca, por me terem aceiteado como sua orientanda, por acreditarem em mim e me terem guiado ao longo deste projeto, tornando-o possível. A todo o corpo docente, desde o início ao culminar do mestrado, por me terem proporcionado aprendizagens, desafios e, principalmente, por me terem apoiado nos momentos mais difíceis. Particularmente, quero agradecer à Professora Doutora Maria Helena Horta, por ter acreditado em mim e me ter apoiado em todos os momentos. E, ainda, pela partilha de conhecimentos e reflexões que me ajudaram a crescer enquanto pessoa e futura educadora.

Às educadoras Ivone Silva e Patrícia Beira Grande, que supervisionaram o primeiro estágio do mestrado, agradeço pela partilha de momentos mágicos, pelos conselhos e pela paixão contagiante que sentiam pela educação de infância.

Em seguida, quero agradecer a todos os profissionais que me acolheram nas instituições, tanto em creche como em jardim de infância. Principalmente, às educadoras cooperantes que me acolheram nas suas salas. À educadora Cátia Rodrigues, por me ter motivado e apoiado em todos os momentos, por me ter ajudado a ultrapassar as minhas inseguranças, mas, principalmente, por me ter orientado nesta longa etapa. Espero um dia alcançar e colocar em prática o profissionalismo e o empenho que me transmitiu. E à educadora Dolores Machado, por me fazer refletir acerca da minha visão relativamente a este sonho e à minha futura postura pessoal e profissional. Às auxiliares de ação educativa, Adriana Dias, Margarida Pardal e Sandra Melão, por me transmitirem o quanto é fundamental o trabalho em cooperação entre todos os intervenientes da sala, pelo carinho e pelo apoio incondicional. Agradeço a todas as crianças com quem tive o privilégio de me cruzar ao longo destes dois anos. Foram elas a minha maior fonte de inspiração e de aprendizagem. E, acima de tudo, agradeço pelo colo, pelos mimos e por me encherem o coração todos os dias.

Para concluir, quero agradecer ao meu namorado, André Augusto, por me ouvir e apoiar, incondicionalmente, e por me ter feito acreditar que tudo era possível para a realização deste sonho. Agradeço aos meus amigos e amigas que sempre estiveram presentes, dando-me motivação e apoio. Particularmente, agradeço à Inês Ribeiros, por todo o apoio que me deu ao longo de todo este processo e, à Rute Rosa, à Sofia Serra, à Andreia Carvalhal e à Ana Sofia Teixeira. Foram uma das melhores partes desta etapa e estou eternamente grata por tudo isso.

## Resumo

O presente relatório emerge no âmbito da unidade curricular da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do mestrado em Educação Pré-Escolar. Esta foi realizada em contexto de jardim de infância, nomeadamente, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (I.P.S.S), em Faro, com um grupo de crianças da faixa etária dos 4 e 5 anos.

Este estudo surge a partir da interdisciplinaridade entre a literatura para a infância e a educação científica. Neste sentido, teve como principal objetivo compreender se crianças de 4 e 5 anos possuem a capacidade de distinguir aquilo que é real e observável no nosso mundo, daquilo que é fruto da imaginação e observável nos livros para a infância. Para além disso, também foi objetivo entender se as mesmas crianças são capazes de criar uma história imaginária, partindo de fotografias reais e de realidades observáveis no nosso mundo.

De forma a desenvolver esta investigação, foram realizadas três fases divididas em diversas etapas. Na primeira fase, foi feita a leitura mediada do livro *O Sr. Tigre tornou-se selvagem*, de Peter Brown, seguida da realização do jogo ‘O real e o imaginário’, terminando com a visualização de um trecho do documentário “Tigres” do BBC Vida Selvagem. Na segunda fase, foi feita a leitura mediada do livro *A que sabe a Lua?*, de Michael Grejniec; seguidamente, foi, de novo, realizado o jogo ‘O real e o imaginário’ e, para concluir, visualizou-se um documentário sobre a primeira viagem do Homem à Lua. Para finalizar, na terceira fase, foi realizado o ‘Jogo do Imaginário’.

Com estas atividades, recolheram-se várias informações que, posteriormente, foram objeto de análise e interpretação, de forma a obter algumas respostas e conclusões acerca da investigação. No final deste processo, foi possível observar que as crianças adquiriram uma melhor compreensão do significado dos conceitos de ‘real’ e de ‘imaginário’.

**Palavras-chave:** educação pré-escolar, real e imaginário, literatura para a infância, educação científica, interdisciplinaridade.

## Abstract

The following report emerges within the framework of the Supervised Teaching Practice course unit, in the master's degree in Preschool Education. This course unit took place in a kindergarten context, specifically, in a Private Social Solidarity Institution (I.P.S.S.) in Faro, with a group of children aged between 4 and 5.

This study arises from the interdisciplinarity between children's literature and scientific education. In this regard, the main purpose was to understand whether or not children between the ages of 4 and 5 have the ability of distinguish what is real and observable in our world, from what comes from our imagination, and it is observable in children's books. In addition, it also intendeds to understand if the same children can create an imaginary story, starting from real photographs and realities observable in our world.

To develop this investigation, three phases divided in several steps were designed. In the first phase, the mediated reading of the book *Mr. Tiger goes wild*, by Peter Brown, was carried out. After that, 'The real and the imaginary' game took place and, in the last step, the children watched the documentary "Tigers", from BBC Wildlife. In the second phase, the mediated reading of the book *A taste of the moon*, by Michael Grejniec, was carried out. After that, once again, 'The real and the imaginary' game took place and, to conclude, the children watched a documentary about Man's first trip to the Moon. To finish the study, the children played 'The imaginary game'.

With these activities, data was collected, analyzed and interpreted, in order to draw conclusions for the investigation. In the end of this process, it was possible to observe that the children acquired a better understanding of concepts of 'real' and of 'imaginary'.

**Keywords:** preschool education, real and imaginary, children's literature, scientific education, interdisciplinarity.

# Índice

Agradecimentos .....	iv
Resumo .....	v
Abstract.....	vi
Índice .....	vii
Índice de Figuras .....	viii
Índice de Tabelas .....	viii
Índice de Gráficos.....	viii
Índice de Apêndices.....	viii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico-Conceptual.....	3
1.1. O papel formativo da literatura para a infância .....	3
1.2. A Educação Científica em Contexto de Educação Pré-Escolar.....	8
1.3. Real e Imaginário: Um sistema de vasos comunicantes .....	12
Capítulo II – Metodologia .....	16
2.1. Questões da Investigação .....	16
2.2. Objetivos da Investigação .....	16
2.3. Contextualização da investigação .....	17
2.4. Participantes.....	17
2.5. Opções Metodológicas.....	17
2.5.1. Técnicas e métodos de recolha dos dados .....	19
2.6. Intervenção Educativa.....	20
Capítulo III – Análise dos Dados .....	26
3.1. Resultados .....	26
3.2. Discussão dos resultados .....	38

Considerações Finais .....	43
Referências Bibliográficas.....	45
Apêndices .....	50

## Índice de Figuras

Figura 2.1.11: Livro <i>O Sr. Tigre torna-se selvagem</i> .....	21
Figura 2.2: Crianças <b>C</b> , <b>B</b> e <b>D</b> a realizar a atividade 'O real e o imaginário' com imagens do livro <i>O Sr. Tigre torna-se selvagem</i> .....	22
Figura 2.3: Imagem alusiva ao documentário “Tigres” do BBC Vida Selvagem .....	22
Figura 2.4: Livro <i>A que sabe a Lua?</i> .....	23
Figura 2.5: Crianças <b>F</b> e <b>H</b> a realizar a atividade 'O real e o imaginário' com imagens do livro <i>A que sabe a Lua?</i> .....	23
Figura 2.6: Imagem ilustrativa do documentário sobre a primeira viagem do homem à Lua.....	24
Figura 2.7: Crianças <b>S</b> e <b>F</b> a realizar a atividade ‘Jogo do imaginário’ .....	25
Figura 3.1: Quadro ‘O real e imaginário’ preenchido pela criança <b>B</b> .....	27

## Índice de Tabelas

Tabela 3.1: Dados recolhidos da atividade ‘O real e o imaginário’ na 1. <sup>a</sup> fase e na 2. <sup>a</sup> fase .....	28
Tabela 3.2: Dados referentes da atividade ‘Jogo do imaginário’ .....	35

## Índice de Gráficos

Gráfico 3.1: Representação do número de crianças que conseguiu e que não conseguiu realizar a atividade ‘O real e o imaginário’, na 1. <sup>a</sup> Fase e na 2. <sup>a</sup> Fase.....	29
Gráfico 3.2: Representação do número de crianças que conseguiu, que conseguiu com apoio e que não conseguiu realizar a atividade da 3. <sup>a</sup> Fase ‘Jogo do imaginário’.....	38

## Índice de Apêndices

Apêndice A – Autorização para a participação das crianças na investigação .....	52
Apêndice B – Quadro de dupla entrada da atividade ‘O real e o imaginário’.....	53

Apêndice C – Sacos com as imagens para as atividades ‘O real e o imaginário’ e ‘Jogo do Imaginário’ .....	54
Apêndice D – Imagens utilizadas na atividade ‘O real e o imaginário’ baseada no livro <i>O Sr. Tigre torna-se selvagem</i> .....	55
Apêndice E – Imagens utilizadas na atividade ‘O real e o imaginário’ baseada no livro <i>A que sabe a Lua?</i> .....	57
Apêndice F – Imagens utilizadas na atividade ‘Jogo do Imaginário’ .....	59
Apêndice G – Conversas em pequenos grupos da 1. <sup>a</sup> Fase: <i>O Sr. Tigre tornou-se selvagem</i> .....	63
Apêndice H – Conversas em pequenos grupos da 2. <sup>a</sup> Fase: <i>A que sabe a Lua?</i> .....	66
Apêndice I – Conversas em grande grupo sobre os documentários “Tigres” e “Primeira viagem à Lua” .....	72
Apêndice J – Atividade ‘Jogo do Imaginário’ .....	74



## Introdução

O presente relatório de investigação surge no âmbito da ligação entre as temáticas literatura para a infância e educação científica, de modo a compreender as conceções que as crianças, da faixa etária dos 4 e 5 anos, possuem acerca de alguns conteúdos referentes a estas áreas de conhecimento e verificar se são capazes de as aplicar no seu quotidiano. Assim, o estudo desenvolveu-se em torno de questões relacionadas com o real, ou seja, aquilo que é possível observar no mundo em que vivemos, e o imaginário, mais precisamente, a forma como esse real é representado na literatura para a infância, contribuindo para o desenvolvimento do seu imaginário. A escolha dos temas baseou-se, essencialmente, nos interesses e necessidades do grupo de crianças, bem como, nos gostos pessoais da investigadora. O estudo foi realizado durante o período da Prática de Ensino Supervisionada, em contexto de jardim de infância.

Para além de descrever todo o processo da investigação, este relatório tem também como objetivo realçar a importância de correlacionar diferentes áreas de conhecimento na prática educativa em jardim de infância. Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, “o desenvolvimento da criança processa-se como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto. Também a sua aprendizagem se realiza de forma própria, assumindo uma configuração holística”. (Lopes da Silva et al., 2016, p. 10).

A literatura para a infância tem vindo, ao longo do tempo, a refletir as preocupações com o desenvolvimento holístico das crianças e, conseqüentemente, a assumir um papel cada vez mais importante no desenvolvimento da criança e na sua construção de conhecimentos. “É através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 66), aspetos relevantes para a sua formação integral.

A educação científica proporciona à criança inúmeras formas de explorar o mundo envolvente, de modo a estimular o questionamento e a compreensão de fenómenos naturais e sociais. Neste sentido, “é essencial que se vá construindo uma atitude de pesquisa, centrada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir numa perspetiva crítica e de partilha do saber” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 86). Os conceitos de real e de imaginário tornaram-se, assim, uma conexão entre a literatura para a infância e a educação científica, uma vez que, ao interligar estas áreas do conhecimento, é possível explorar uma grande diversidade de temas, contribuindo para

formação holística da criança. “A imaginação, está na base da criação artística, como da científica. Embora frequentemente apresentadas como antagônicas, ou mesmo incompatíveis, razão e imaginação são fundamentais para um pleno desenvolvimento do ser humano” (Fonseca & Coelho, 2013, p. 363).

De modo a compreender melhor o processo da investigação e todo o seu desenvolvimento, este relatório está dividido em três capítulos: Enquadramento Teórico-Conceptual; Metodologia; e Análise dos Dados. No Enquadramento Teórico-Conceptual, são abordados alguns estudos, teorias e conceções de diversos autores relevantes para a construção desta investigação. Na Metodologia, são abordadas as questões do estudo, os seus objetivos, é descrito o contexto em que se realizou o estudo e as características dos participantes, é especificada a metodologia aplicada e é feita a apresentação das várias fases práticas da investigação. Na Análise dos Dados, são expostos os dados recolhidos e, de seguida, são analisados, discutindo as conclusões, de forma a encontrar algumas respostas às questões do estudo.

Para finalizar este relatório, reflete-se acerca de todo o trabalho desenvolvido ao longo da investigação. Nesta etapa, a investigadora analisa a forma como a investigação e o estágio foram relevantes para o seu desenvolvimento pessoal e profissional, proporcionando-lhe novas perspetivas para a futura prática educativa.

# Capítulo I – Enquadramento Teórico-Conceptual

## 1.1. O papel formativo da literatura para a infância

A literatura começou por se apresentar numa vertente mais popular, centrando-se em contos, histórias, mitos e lendas que eram transmitidos oralmente de geração em geração, durante os serões ou em mercados e praças públicas. Esta vertente era considerada uma literatura para todos, ou seja, não havia uma distinção entre os seus conteúdos, não se considerava especificamente adequada para as crianças ou para os adultos (Barreto, 1998). Em Portugal, a literatura era bastante popular particularmente no tocante a narrativas de aventura, em que eram descritas as viagens dos antepassados, os naufrágios, a descoberta de novas realidades e novos povos e, ainda, os combates que se travaram para a aquisição de novas terras (Barreto, 1998). Portanto, não era “[...] de estranhar que fossem contadas [histórias] aos serões e captassem o interesse não só dos adultos, como das crianças” (Barreto, 1998, p. 22), contudo esta vertente da literatura não era destinada especificamente para as crianças.

Na Europa, a literatura para a infância teve origem no século XVII, com Charles Perrault e os seus contos, que procuravam explorar a imaginação e a criatividade das crianças (Carvalho, 1989). Contudo, só por volta do final do século XIX e início do século XX é que se deram as mudanças consideradas mais significativas no panorama da literatura destinada às crianças, começando, assim, uma nova fase (Carvalho, 1989). O “álbum infantil é um género já com longa tradição em alguns países da Europa desde os anos sessenta do século passado.” (Silva & Barroso, 2014, p. 118). Como já foi referido, por essa altura, surgiram mudanças consideráveis na literatura para a infância, começando a haver uma consciencialização da relação entre as competências desenvolvidas na infância e a forma como é vivida a vida adulta. Desta forma, foram-se construindo novos pensamentos e ideias acerca da literatura para a infância, defendendo-se, nomeadamente, a importância de escrever livros direcionados e focados na fase da infância, em vez de adaptar as obras já existentes. Barreto (1998) refere que esta “pedagogia nascente apontava alguns caminhos e mostrava a criança como um ser humano com características próprias e não simplesmente um indivíduo em estágio para a fase adulta” (p. 25). Esta tomada de consciência e a conseqüente necessidade de construir e desenvolver literatura centrada nas necessidades e características das crianças foram cruciais para a decisão de

se criar livros direcionados para a infância. A literatura para a infância foi sofrendo bastantes evoluções e alterações ao longo dos séculos até chegar ao conceito que conhecemos nos dias de hoje.

A literatura para a infância pode-se definir como

uma comunicação histórica (=localizada no tempo e no espaço) entre um locutor ou um escritor-adulto (=emissor) e um destinatário-criança (=receptor) que, por definição, ao longo do período considerado, não dispõe senão de modo parcial da experiência do real e das estruturas linguísticas, intelectuais, afectivas e outras que caracterizam a idade adulta. (Soriano, citado em Coelho, 1984, p. 13)

Segundo Carvalho (1989), “a Literatura Infantil é, ao mesmo tempo, recreação e terapia, suporte de cultura e o mais importante elemento de comunicação; mas, sobretudo, um instrumento de diálogo entre a criança e o adulto.” (p. 172). Tendo em conta que a primeira infância é a principal fase para aquisição de conhecimentos e aprendizagens ao longo da vida, a literatura para a infância é um meio essencial para enriquecer as aprendizagens nessa fase da vida. Neste sentido, pode-se considerar que a literatura para a infância tem um papel bastante importante na vida das crianças, uma que vez permite desenvolver várias competências e aprendizagens. Os livros são uma forma de abordar diversas temáticas proporcionando uma estimulação que poderá alargar as explorações e descobertas das crianças e permitem, ainda, uma interação e comunicação com o adulto. A sua principal função é “[...] dar prazer e desenvolver a sensibilidade estética, partilhar sentimentos e emoções, sonhos e fantasias, [...] [os livros são] também um meio de informação, de transmissão do saber e da cultura” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 66). Para além disso, Coelho (1984) acrescenta que estes têm a finalidade de

[...] alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, [...] [levando-os], de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas inspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social. (p. 3)

O “conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral” (Carvalho, 1989, p. 18), pois é através da literatura para a infância que as crianças desenvolvem a sua criatividade, se autoconhecem e exploram o mundo que as rodeia. No fundo, através do livro, a criança contacta com um mundo que, de outra forma, lhe seria inacessível (desde as fadas imaginárias, aos leões da savana real), tornando o seu próprio mundo mais rico e em

constante mudança entre a fantasia e a realidade. Por isso, devem-se proporcionar situações adequadas para tornar essas brincadeiras mais complexas, visto que estas são fontes inesgotáveis de futuras aprendizagens e conteúdos, tendo “em mente que todo o patrimônio cultural da Humanidade vem da Literatura” (Carvalho, 1989, p.18). A literatura para a infância possibilita, assim, a transmissão de valores, de histórias, de aprendizagens e de costumes da sociedade em que a criança está inserida. “O contacto precoce com a literatura para a infância constitui-se como um fator de desenvolvimento da criança a nível social, cultural, afetivo e linguístico” (Silva & Barroso, 2014 p. 116). Assim, pode-se observar que a literatura para a infância é fundamental para o desenvolvimento da criança ao longo da sua vida, uma vez que esta possibilita o domínio da linguagem verbal, desenvolve o crescimento psicológico, espiritual e intelectual. Desta forma, é essencial que a criança possua contacto com os livros desde o seu nascimento, pois é através destes momentos que irá criar recordações que a marcarão para o resto da vida.

Traça (1992) afirma, a propósito do contacto da criança com os livros, que “o investimento dos pais é determinante” (p. 77) para a aquisição de experiências e aprendizagens. Visto que os pais são o primeiro contacto que as crianças possuem com o mundo, devem tentar ao máximo que a educação dos filhos seja de qualidade. Esse investimento irá contribuir bastante para o desenvolvimento global da criança, sendo uma forma de a criança ter novas experiências e construir conceções acerca de si e dos seus interesses. É, então, muito importante que as crianças possuam oportunidades de contactar com os livros desde os seus primeiros anos de vida, de forma a estabelecerem o gosto pela literatura. Neste sentido, os pais devem criar momentos em que leiam ou contem uma história, por exemplo, antes de dormir.

É nesse período “de relaxamento” que explicar ou ler histórias desempenha um papel importante, já que proporciona à criança aquele estado de tranquilidade que a prepara para iniciar o sono sozinha. [...] É o instante que identificamos como «hábito da afectividade». (Domènech & Estivill, 2007, p.14)

Como foi referido, anteriormente, os pais/cuidadores da criança são os agentes privilegiados para o desenvolvimento do gosto pela literatura e podem implementá-la através da leitura ou do reconto de histórias ou cantando uma canção de embalar para adormecer as suas crianças. Esses momentos irão fortalecer a ligação afetiva entre os cuidadores e as crianças e irão permitir trocas intelectuais.

O livro torna-se num lugar privilegiado de

sons, odores, sinais, misto de dito ou não dito provocando ou não na criança o desejo de ler, tornando-se numa fonte de paixão [...]. A criança é levada a construir-se através do outro, das complexas redes de relação que vai estabelecendo; o crescimento da inteligência e o crescimento afectivo são resultantes de interacções sociais. (Traça, 1992, p. 77)

Desta forma, ao ser integrada no contexto pré-escolar, torna-se fundamental que a criança continue a cultivar esta paixão pela leitura de narrativas, pois é uma ferramenta transversal para a aquisição e aprofundamento das aprendizagens. Inicialmente, o/a educador/a deve ter consciência de que a criança se desenvolve de forma holística, ou seja, “o desenvolvimento da criança processa-se como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 10). O/A educador/a deve ter sempre em conta os interesses e necessidades da criança e, também, os seus conhecimentos prévios acerca das temáticas que pretende desenvolver. Assim, poderá criar situações de aprendizagens significativas, de modo que esta se desenvolva livremente ou de uma forma mais orientada, por exemplo, através do jogo lúdico da imaginação, do jogo livre do pensamento, da reflexão, do raciocínio e da elaboração de ideias sempre de acordo com os seus interesses e necessidades.

Desta forma, o/a educador/a deve compreender que o livro é um instrumento muito rico e estimulante para o desenvolvimento das crianças, pois, ao utilizá-lo, está a possibilitar a aquisição do gosto pela leitura, a compreensão de conteúdos e do mundo que as rodeia. E, posto que a criança é um ser em formação com um ainda reduzido conhecimento do mundo, logo, sem bases para formular critérios de seleção amadurecidos, a seleção e mediação das obras deve assentar em critérios bem ponderados. Podemos agrupar esses critérios em gerais e específicos. “Os critérios gerais são critérios que devem estar sempre presentes na escolha do álbum, considerando-se que o álbum, no seu todo, deve constituir ‘uma unidade estética de sentido’” (Silva & Barroso, 2014, p. 119). Consideram-se como critérios gerais: o valor literário, as estruturas linguísticas, os conteúdos temáticos, a originalidade na abordagem dos temas, o valor estético do álbum, a diversidade e a adequação às diferentes faixas etárias.

Já os critérios específicos de seleção deste género prendem-se, antes de tudo, com os objetivos e percursos de leitura que o formador previamente definiu, atendendo à faixa etária a que se dirige, à maior ou menor familiaridade do público com o texto literário, às questões específicas que este pretende tratar e

às competências que quer desenvolver junto dos destinatários. (Silva & Barroso, 2014, p. 120)

Relativamente aos critérios específicos, podem-se considerar os seguintes: intertextualidade, relação texto/imagem, referências culturais e valores veiculados. Desta forma, ao integrar a leitura de histórias na rotina diária da sala de atividades, é de extrema importância que o/a educador/a já tenha definido os critérios para a escolha dos livros.

Para além disso, é ainda importante criar um espaço na sala de atividades para que as crianças contactem e explorem os livros livremente. Pode ser necessário que o/a educador/a mostre, antes, como se deve manusear o livro, para não o estragar, estando, simultaneamente, a ajudar a criança a desenvolver a motricidade fina. Com estas explorações, as crianças irão manipular os livros de uma forma mais espontânea e desenvolver a sua imaginação, uma vez que, através deste contacto, podem recontar as histórias contidas nos livros à sua maneira ou criar as suas próprias histórias. Este tipo de exploração permite à criança abrir as portas ao seu mundo imaginário, alargar a perceção do mundo e fortalecer relações afetivas, quando interage com outras crianças ao desenvolver esta atividade. Para alargar as explorações das crianças, o/a educador/a deve proporcionar visitas ao exterior, nomeadamente a bibliotecas, visto que “[...], se as crianças tiveram oportunidades de utilizar, explorar e compreender a necessidade de as consultar e de as utilizar como espaços de lazer e de cultura” (Lopes da Silva et al., 2016, p. 67) irão criar bases para o desenvolvimento do gosto pela leitura e o hábito da mesma. Assim, pode-se referir que o/a educador/a possui um papel fundamental na criação e aprofundamento do gosto pela literatura, pois este compreende os seus benefícios para o desenvolvimento da criança.

Em suma, pode-se concluir que a literatura para a infância é mais do que um conjunto de álbuns de imagens, é “[...] um lugar privilegiado no desenvolvimento sistemático da linguagem, na construção da personalidade, na formação intelectual, afectiva e onírica da criança e do adulto” (Traça, 1992, p. 75). Deste modo, como já foi referido, é fundamental que a criança contacte com a literatura desde os seus primeiros anos de vida, devido ao importante papel que esta desempenha no seu desenvolvimento global.

## 1.2. A Educação Científica em Contexto de Educação Pré-Escolar

A Educação Científica integrou-se no currículo escolar devido à “[...] necessidade de aprender ciências desde cedo na escola, com o grande objetivo de ajudar a construir uma sociedade cientificamente letrada” (Veiga, 2003, p. 17). Para além disso, com as constantes mudanças a nível social e devido a alguns acontecimentos históricos marcantes, a ciência foi-se alterando e modificando, de modo a acompanhar a evolução tecnológica. Com a sua institucionalização e os seus enormes benefícios para a sociedade, bem como para a formação de adultos conscientes, esta passou a ser reconhecida pelo seu poder, no século XVII. Neste sentido, a partir deste século, a Ciência e a Tecnologia começaram a ocupar um importante papel na economia de todos os países, fazendo com que estes a incluíssem e criassem unidades curriculares autónomas. Assim, tendo em conta estes fatores, ciências como a Física, a Química e a Biologia passaram a fazer parte do processo de aprendizagem das crianças a partir do século XIX. Nos sistemas educativos, o estudo dos conteúdos de ciência, no geral, permitia “[...] desde cedo, desenvolver competências de observação da natureza e apelava a um conjunto de capacidades mentais mais fortes e alargadas [...]. [Também] dotava as pessoas de capacidades de raciocínio e de acesso à verdade, úteis para a vida quotidiana” (Veiga, 2003, p. 18), por isso tornava-se importante a inclusão dos mesmos nos currículos escolares. Deste modo, o currículo escolar passou por muitas alterações, com a descentração do estudo das línguas clássicas e da matemática para a implementação do estudo de ciência em diversos níveis de ensino. Durante a Segunda Guerra Mundial, a ciência e a tecnologia foram pontos importantíssimos, devido ao seu poder e implicações, transformando-se num enorme empreendimento socioeconómico. Tendo em conta a importância da ciência e da tecnologia durante este período, começou a haver um maior foco na aplicação funcional das mesmas. Por esse motivo, após a Segunda Guerra Mundial, foram criadas e implementadas mais disciplinas autónomas, desde os primeiros anos de escolaridade, centradas no método de trabalho experimental. Assim, verificaram-se inúmeras vantagens da inclusão da ciência na aprendizagem das crianças

[...] em contextos selecionados de experiências reais ligadas ao mundo dos alunos e que permitam a estes agir sobre esse mundo. [...] [Como por exemplo] o desenvolvimento da autonomia, participação, responsabilidade individual e social, a capacidade de negociação e de partilha [...].

(Aikenhead, 1994, citado em Veiga, 2003, pp. 18-19).

Atualmente, a Educação Científica, nos primeiros anos de vida, define-se como o método em que a criança constrói o seu próprio conhecimento acerca do mundo que a rodeia, através da ação e interação com as pessoas, materiais e elementos da natureza (Lopes da Silva et al., 2016). As crianças têm como principal característica a sua curiosidade natural, conseqüentemente, irão desenvolver as suas primeiras concepções relativamente ao seu meio envolvente através dessas interações. Assim, quando a criança “[...] olha com atenção os materiais, experimenta-os de diversos modos [...], observa-os de vários ângulos, testa por exemplo a resistência [...] confirmando estas e outras propriedades físicas dos objetos” (Silva, 2018, p. 54) está a construir as suas concepções e os seus conhecimentos científicos. A curiosidade permite que a criança explore tudo à sua volta através dos cinco sentidos. Por isso, é importante que estas experiências sejam de carácter direto e prático, possibilitando-lhe uma maior envolvimento na exploração e na aquisição dos conhecimentos (Silva, 2018). Deve-se, assim, enquanto cuidadores/as e educadores/as, valorizar essas experiências e os conhecimentos prévios das crianças, fazendo-as sentir confiantes e motivadas para continuar as suas explorações.

A educação científica está presente frequentemente no quotidiano das crianças, por exemplo, em brincadeiras que experienciam diariamente, nomeadamente, quando a criança está “subindo uma escada, descendo um escorrega, pedalando um triciclo, descendo de trenó uma colina. [...] [Ou através da] montagem e desmontagem de puzzles e de legos, da construção de pilhas e filas de blocos” (Hohmann & Weikart, 2003, p. 738). Com estas ações, as crianças vão construindo e desenvolvendo os seus primeiros conhecimentos sobre os fenómenos físicos do mundo, através de situações simples, mas ao mesmo tempo complexas, do quotidiano. De acordo com Martins et al. (2009), “as aprendizagens que a criança realiza nestas circunstâncias decorrem principalmente da acção, da manipulação, que faz dos objectos que tem à sua disposição [...]” (p. 12). Estas ações e brincadeiras espontâneas possibilitam que a criança observe, reflita e desenvolva autonomamente as suas ideias acerca desses fenómenos. Cabe, então, ao adulto observar essas apropriações por parte da criança, de modo a ajudá-la a organizar as suas ideias e aprofundá-las, adquirindo e desenvolvendo novos conhecimentos. Posto isto, a criança irá construir os seus conhecimentos acerca do mundo diariamente, procurando sempre encontrar explicações e conceitos que atribuam sentido aos fenómenos com que se depara, para que futuramente possa construir novas aprendizagens mais complexas. A ciência possibilita “[...] criar padrões, interpretações e explicações que permitam entender como ocorrem os fenómenos naturais, além de compreender como funcionam objetos e

instrumentos técnicos” (Pereira, 2002, p. 19). Como é possível constatar, a formação de conhecimentos relativamente às ciências parte da curiosidade da criança. Sendo assim, o/a educador/a deve estimulá-la, contribuindo para o desenvolvimento e maturação das competências intelectuais.

Em contexto Pré-Escolar, o/a educador/a deve planejar previamente e estruturar a sua ação educativa, de forma a criar um ambiente rico em estímulos. Para além disso, deve adaptar e “[...] diversificar métodos e estratégias, tirando o melhor partido de recursos e de condições, de forma a incrementar o desenvolvimento cognitivo, social e emotivo das crianças” (Pereira, 2002, p. 75). Este/a deve ter sempre em conta que esses estímulos devem partir de uma aprendizagem de natureza construtivista, ou seja, uma aprendizagem espontânea que parta da criança, devendo o/a educador/a proporcionar situações que possibilitem que a criança procure e formule o seu próprio conhecimento. Neste sentido, o/a educador/a deve compreender o processo de aprendizagem que a criança desenvolveu previamente à sua ação e quais os conhecimentos que a criança adquiriu, de modo, a que, futuramente, este seja o seu ponto de partida para aprofundar os mesmos. Caso verifique que a ideia da criança não se encontra cientificamente correta, o/a educador/a deve questionar a criança acerca da sua ideia para que esta tente explicar o porquê de ter chegado àquela conclusão. Este processo de reflexão irá possibilitar à criança pensar sobre todo o seu processo de aprendizagem, bem como elucidar o/a educador/a, de forma que este a compreenda melhor, podendo, novamente, proporcionar situações similares para que a criança teste a sua ideia. Segundo Pereira (2002), “esta testagem pode ser feita levando a criança a procurar as evidências que sustentam a sua ideia e a verificar que a sua ideia entra em conflito com o observado, sendo então mais fácil que a criança considere outras ideias” (p. 77).

O/A educador/a possui um papel de mediador/a entre os conhecimentos que as crianças adquirem e os conhecimentos que futuramente irão aprofundar. Embora, o/a educador/a seja uma fonte de informação, numa abordagem mais construtivista, possui a função de orientar, estimular e apoiar a construção desses conhecimentos. Perante isso, “[...] [pretende-se] que as crianças assumam o papel de construtores de ideias e conhecimento, em vez de simples receptores de informação ‘certa’, [...] [pretende-se] que recorram ao processo experimental utilizando os objectos, materiais e os seres vivos como fontes de conhecimento” (Sá & Varela, 2004, p. 97). Porém, o/a educador/a deve ter em mente que as crianças podem adquirir esses conhecimentos individualmente ou em conjunto com os seus pares, tendo sempre como objetivo aprofundá-los e alargá-los. É

através da interação social que partilham e desenvolvem as suas ideias de uma maneira mais ampla. Segundo Pereira (2002), este processo é bastante importante para a construção de conhecimento, bem como para a construção de ligações emocionais entre as crianças, uma vez que permite que criem relações de amizade, ao partilharem as suas ideias e conhecimentos, refletindo em conjunto em torno das suas questões. Assim, o/a educador/a deve criar um ambiente harmonioso, afetivo e propício à partilha de informação, pois “as crianças podem desenvolver neste tipo de situação, o respeito pelas opiniões dos outros e aprendem a descentrar-se dos seus pontos de vista e a colocar-se na posição do outro” (Pereira, 2002, p. 96). Ao utilizar esta estratégia, o/a educador/a deve ter em conta alguns aspetos essenciais para uma boa prática pedagógica. A sua planificação deve conter uma reflexão acerca do número de elementos que devem compor os grupos de crianças, pois estas devem ter oportunidade de participar de forma igualitária. Além disso, também importa ter consciência do grau de desenvolvimento de cada criança, de forma a proporcionar situações que permitam a discussão de ideias e a expansão das mesmas. Ao colocar a sua planificação em prática, deve compreender que esta deve ser flexível, visto que as crianças poderão tratar as situações de aprendizagem de um ponto de vista diferente. Estas abordagens devem ser valorizadas por parte do/a educador/a, e, se for necessário, devem ser aprofundadas. Desta forma, a criança irá sentir-se ouvida, compreendida e motivada para desenvolver novas competências. Ao concluir as atividades, o/a educador/a deve refletir acerca de todo o processo, desde a construção da sua planificação até aos conhecimentos adquiridos por parte das crianças, de modo a pensar, “[...] contemplar e analisar a própria acção, no sentido de dela extrair os significados que constituem um capital rico para uma abordagem inteligente de experiências futuras” (Sá & Varela, 2004, p. 107). Esta profunda reflexão relativamente à sua prática, assim como às aprendizagens das crianças, irá possibilitar uma constante mudança e adaptação, de modo a melhorar a prática pedagógica e enriquecer as experiências das crianças.

Em suma, pode-se concluir que desde o início da implementação da educação científica no ensino, o currículo relativamente a esta área tem vindo a sofrer diversas modificações, ao longo dos séculos, de forma a responder às necessidades da sociedade. Atualmente, verifica-se que a referida educação desempenha um papel fulcral não só desde o nascimento da criança como ao longo da vida adulta, uma vez que possibilita a exploração e compreensão de todos os fenómenos do mundo envolvente, podendo, assim, afirmar-se que esta é uma área de conteúdo transversal.

### 1.3. Real e Imaginário: Um sistema de vasos comunicantes

De forma a abordar estes dois conceitos, é bastante importante definir, primeiramente, os seus significados. Assim sendo, segundo o dicionário *online Priberam* a palavra ‘real’ provém do latim medieval. É um nome/substantivo que é definido como aquilo que é real e verdadeiro. A palavra ‘imaginário’, também segundo o dicionário *online Priberam*, é originária do latim, sendo um nome/substantivo e define-se como algo que pertence ao mundo da imaginação. Além desta definição do dicionário há vários autores que definem imaginação. Silva (2019), por exemplo, refere que a imaginação se compreende “como uma função especificamente humana que emerge e se desenvolve na atividade [diária] [...] que tem como premissa a antecipação mental daquilo que será futuramente produto da referida atividade e também das ações necessárias para a concretização daquilo ‘idealizado’” (p. 19). Vigotsky (2012) refere-se à imaginação “como fundamento de toda a atividade criadora, [manifestando-se] [...] de igual modo em todos os momentos da vida cultural, permitindo a criação artística, científica e tecnológica” (p.24). Deste modo, pode-se constatar, através destas definições, que as palavras têm significados opostos uma da outra, mas que, ao mesmo tempo, se complementam. Ou seja, é necessário observar e conhecer a realidade envolvente para que se possa construir um mundo imaginário.

Lopes da Silva et al. (2016), nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, menciona que a criança vai construindo as suas referências sobre o mundo que a rodeia “nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros e com o meio [...]” (p. 33). Assim, pode-se verificar que as crianças constroem a sua realidade através das suas vivências e experiências na interação com o mundo envolvente. É, então, fundamental, enquanto educador/a, proporcionar situações que estimulem a criança, como por exemplo, visitas ao exterior, para que, deste modo, a criança conheça a comunidade envolvente e observe a natureza que existe perto de si. Assim sendo, poderá observar os fenómenos naturais e científicos em seu redor. Após a exploração da sua própria realidade da vida quotidiana, a criança, espontaneamente, começa a imaginar novas possibilidades, a formar novos pensamentos, a imaginar novos mundos (Rodari, 2006).

Entre os 3 e os 6 anos, as crianças estão numa fase em que a imaginação e a fantasia predominam na sua vida, tendo um caráter lúdico, onde o pensamento mágico tem um grande destaque (Coelho, 1984). De acordo com Rodrigues (1976),

a fantasia tem, daqui por diante, até aos seis anos, uma notável importância, uma vez que o pensamento infantil é, nestas idades, absolutamente mágico, todo impregnado por elementos do fantástico e do maravilhoso. A criança não faz discriminações entre a realidade externa e os produtos de sua fantasia. Para ela, realidade é o que ela está vivendo, o aqui e o agora. Para ela não [...] existe o que foi nem o que será. O tempo para ela não tem menor significação, não há passado nem futuro. A vida é o momento presente (p. 25).

É através da imaginação e da fantasia que a criança expressa as suas emoções e, ao fazê-lo, proporciona a si mesma a amplificação e estruturação do seu conhecimento sobre si, sobre os outros e sobre o mundo que a rodeia (Mendes, 2018).

Por sua vez, Alexandre Parafita (citado por Mesquita, 2010), considera que o imaginário resulta de uma associação entre a imagem e a magia: imagem dos lugares, das coisas e dos sentidos e magia do sonho, do simbólico e do «faz-de-conta». Assim sendo, compreende-se que é no imaginário que a criança procura uma explicação para o real e para todo o conhecimento que é novo para si e que precisa de ser compreendido, integrado e, finalmente, assimilado. (Mendes, 2018, p. 21).

Ao utilizar a imaginação, a criança desenvolve também a criatividade. Desta forma, pode-se observar que, para além destes dois conceitos, referidos anteriormente, existe um outro que se releva bastante pertinente para a construção e realização do que foi pensado: a criatividade. Neste sentido, torna-se importante distinguir imaginação de criatividade, pois têm definições distintas, estando, no entanto, interligadas. A criatividade consiste em colocar em prática a imaginação, ou seja, após utilizar a imaginação, que é algo interno, pode-se transportar ou criar algo visível proveniente desse pensamento. Portanto, a criatividade é algo visível e externo, enquanto a imaginação é algo interno e que pode nunca ser exteriorizado ou partilhado. Assim, “podemos ser imaginativos todo o dia, no entanto se não criarmos nada não podemos dizer que somos criativos” (Abenta, 2014, p. 4). A criatividade é, então, a interligação da imaginação com a realidade. E abrange tudo o que envolve a inteligência, como, por exemplo, a dança, o teatro, a música, a ciência, a matemática, entre outras atividades. Há diversas formas de se ser criativo, consoante o nosso poder imaginativo (Robinson & Aronica, 2011). “A criatividade é um passo além da imaginação porque requer que façamos algo e que não fiquemos apenas de braços cruzados a pensar no assunto. Trata-se de um processo muito

prático que consiste em produzir algo original” (Robinson & Aronica, 2011, p.76). Logo, uma criança criativa está sempre a formar pensamentos, a colocar questões, a procurar soluções e respostas, de forma autónoma e independente, e, ao mesmo tempo, exterioriza aquilo que imagina. Desta forma, ao observar as brincadeiras das crianças, é possível verificar que não são apenas simples reproduções. Estas brincadeiras fazem a recriação de situações que já viveram, tornando-as mais ricas que as anteriores, uma vez que combinam uma série de experiências, ideias, curiosidades e necessidades (Rondari, 2006). Posto isto, a criatividade não surge apenas da utilização do cérebro. É uma combinação entre os pensamentos, os sentimentos, as emoções e a intuição; é um equilíbrio entre corpo e mente (Robinson & Aronica, 2011).

O pensamento criativo, tal como o pensamento científico, é fundamental para resolução de problemas do nosso quotidiano. Ambos estimulam as crianças a questionar, explorar, descobrir, criar, transformar, encontrar soluções e a formar opiniões e ideias (Abenta, 2014). Desta forma, é importante que a criança esteja inserida num ambiente propício e estimulante da criatividade, da imaginação e do pensamento crítico, pois é ao experimentar, ao observar e ao explorar por si mesma que irá construindo as suas aprendizagens. Neste sentido, o papel do adulto será, apenas, orientar e estimular, de forma que sejam aquisições bem-sucedidas (Sousa, 2003). Assim, o/a educador/a deve ter em conta a importância da imaginação e da criatividade na construção da perceção e compreensão do mundo envolvente, bem como, na construção da identidade da criança. Ao iniciar a sua prática educativa, é importante que o/a educador/ tenha em mente que a criança é um ser complexo e, como tal, é crucial reconhecer os seus principais gostos, interesses e necessidades. Partindo destas informações e juntando-as à sua criatividade, irá desenvolver diversas estratégias que possibilitem à criança o desenvolvimento das suas capacidades e a superação das suas dificuldades (Freire, 2019). Para além disso, é, ainda, fundamental, dar liberdade à criança para que esta possa escolher as aprendizagens e conhecimentos que pretende adquirir e para que perceba de que forma o pretende fazer, isto é, de que modo elabora os seus projetos e quais os materiais que deseja usar na sua execução. Com esta estratégia, proporciona-se à criança a confiança para se expressar livremente, sendo também incentivada a utilização da sua criatividade, permitindo-lhe que adquira aprendizagens importantes, de acordo com os seus interesses, e, assim, propicia-se à criança a oportunidade de se autoconhecer (Sousa, 2003).

Neste sentido, pode-se “dizer que a imaginação é a base de toda a atividade criadora, manifestando-se na vida de qualquer ser humano, possibilitando a criação

artística, científica e técnica” (Vigotsky, 2014 citado por Abenta, 2014, p. 5). A criatividade humana, por seu turno, manifesta-se em tudo aquilo que se tem criado ao longo da existência da humanidade. Se olharmos em nosso redor, é possível encontrar diversas invenções que utilizamos diariamente provenientes da criatividade humana, tal como tudo o que é feito a nível artístico. A música que ouvimos, por exemplo, é uma manifestação da criatividade. Desta forma, “a imaginação é uma das ferramentas mais poderosas do ser humano, pois através desta podemos viajar pelo passado, apreciar o presente e divagar pelo futuro” (Abenta, 2014, p. 5). Em suma, tal como afirmam Robinson e Aronica (2011, p. 66) “a imaginação é a base de tudo o que é única e exclusivamente humano. É a base da linguagem, da arte, da ciência, dos sistemas filosóficos e do resto de muitas outras atividades da cultura humana”.

## Capítulo II – Metodologia

### 2.1. Questões da Investigação

Para iniciar a investigação, foi crucial começar por observar e interagir com o grupo de crianças, de modo a compreender os seus interesses e as suas necessidades. Com essas ferramentas, foi possível detalhar um plano, de forma a desenvolver os temas escolhidos, a saber, literatura para a infância e educação científica. Constatou-se que as crianças demonstravam um enorme interesse por aspetos relacionados com a compreensão de fenómenos naturais, bem como, pela leitura de histórias antes e após a hora do repouso.

Partindo desses interesses, elaboraram-se as questões de investigação que permitiram delinear todo o processo de pesquisa, bem como a elaboração dos instrumentos de investigação.

- Qual a perceção de crianças, em contexto pré-escolar relativamente ao que é real científico, e ao que é imaginário, nos livros de literatura para a infância?
- De que forma as crianças, em contexto pré-escolar, serão capazes de produzir narrativas imaginárias, a partir da realidade científica conhecida?

### 2.2. Objetivos da Investigação

Após se definirem as questões de investigação, foi necessário compreender e elaborar os objetivos que se desejava alcançar com a investigação. Assim, pretendia-se compreender se as crianças conseguiam distinguir o real científico do imaginário, através da leitura de uma história, da resolução de um jogo e da reflexão, em grande grupo, sobre o tema em questão. Para além disso, também foi fundamental verificar se as crianças ao compreenderem esses conceitos, eram capazes de utilizar situações reais para criar uma narrativa imaginária. Assim, definiram-se os objetivos a seguir enunciados:

- Analisar em que medida as crianças da sala dos 4/5 anos conseguem distinguir o real científico do imaginário nos livros de literatura para a infância;
- Desenvolver estratégias que promovam a produção de narrativas imaginárias a partir da realidade científica conhecida.

### **2.3. Contextualização da investigação**

A presente investigação foi realizada ao longo da disciplina Prática de Ensino Supervisionada (PES), em contexto de educação pré-escolar, numa instituição situada no concelho de Faro. O grupo, que fez parte da investigação, era constituído por 24 crianças na faixa etária dos 4 e 5 anos, sendo 12 crianças do sexo feminino e 12 crianças do sexo masculino. As crianças do grupo podiam ser caracterizadas como energéticas, comunicativas, afetuosas e bastante curiosas relativamente ao mundo que as rodeia. Verificou-se que as crianças adoravam explorar o mundo envolvente, sendo os animais e a natureza alguns dos seus temas favoritos.

### **2.4. Participantes**

Como foi referido anteriormente, o grupo era constituído por 24 crianças da faixa etária entre os 4 e 5 anos. Inicialmente, a investigação foi planeada para a participação de todo o grupo. Porém, devido à mudança de instituição de uma criança do sexo feminino e, visto que, uma criança do sexo masculino não compareceu durante os dias em que se fizeram as atividades, acabou por se excluir as mesmas da investigação. Deste modo, participaram 22 crianças, sendo 11 do sexo feminino e 11 do sexo masculino.

Como foi, igualmente, referido, no decorrer da PES, foi possível verificar que o grupo demonstrava um enorme gosto pela leitura de histórias e, conseqüentemente, pela exploração dos temas abordados nas mesmas. Além disso, também, tinha interesse na exploração do mundo em seu redor, mais concretamente, no que concerne aos animais e aos fenómenos naturais.

### **2.5. Opções Metodológicas**

A metodologia que mais se adaptou a esta investigação foi a metodologia de carácter qualitativo, que se enquadra num paradigma interpretativo e descritivo. Segundo Bogdan e Biklen (1999), na investigação qualitativa, “os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas”. Contudo, apresenta, também, um carácter naturalista, pois, segundo Denzi e Lincoln (1994), citados por Aires (2015, p. 14), “a investigação qualitativa é uma

perspectiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise”. Esta perspectiva vai ao encontro do que referem Bogdan e Biklen (1999), ao assumirem que esta abordagem é, também, denominada naturalista “porque o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam os fenómenos nos quais está interessado, incidindo os dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (p. 17).

De acordo com Richardson et al. (2015), a abordagem qualitativa é muito utilizada em estudos cujo objetivo é entender a natureza de um determinado fenómeno social, sendo estas situações complexas e estritamente particulares.

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (Richardson et al., 2015, p. 80)

Neste caso, é atribuída uma perspectiva relativista da realidade, pois a investigação é realizada a partir de dados reais, ricos e profundos (Cook & Reichardt, 2005), que proporcionam a construção de conhecimento proveniente da descrição e interpretação dos factos. Posteriormente, tentam-se atribuir significados ao comparar os acontecimentos com outros semelhantes (Cohen, et al., 2007). Para além disso, é relevante ter em atenção que os indivíduos e eventos estudados são únicos, por isso não devem ser feitas generalizações. Para manter a integridade da investigação é de extrema importância que não haja qualquer interferência ou manipulação por parte do investigador no decorrer de todo o processo.

O processo de investigação qualitativa é constituído por várias fases diferentes. Estas vão se desencadeando de forma interativa, isto é, “em cada momento existe uma estreita relação entre modelo teórico, estratégias de pesquisa, métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados do projecto de pesquisa” (Aires, 2015, p. 14). Uma das fases mais importantes para o desenvolvimento de uma investigação de carácter qualitativo é a escolha das técnicas para a recolha de informação. Como é referido por Aires (2015), “a selecção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objectivos do trabalho de campo” (p. 24). Esta autora agrupa estas técnicas em dois grandes conjuntos: técnicas diretas ou interativas e técnicas

indiretas ou não-interativas. Neste caso, as técnicas diretas ou interativas são a observação participante, as entrevistas qualitativas e as histórias de vida. Enquanto, as técnicas indiretas ou não-interativas abrangem os documentos oficiais como por exemplo, registos pessoais, documentos internos, entre outros, e outros documentos como diários, cartas, autobiografias, etc. (Colás, 1992 citado em Aires, 2015). Geralmente, neste tipo de metodologia “os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números. [...] Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais” (Bogdan & Biklen, 1999, p. 48).

Para finalizar, importa mencionar que, apesar de a maior parte deste estudo ter sido desenvolvido e baseado na metodologia qualitativa, foram necessárias algumas técnicas utilizadas na metodologia quantitativa (tabelas e gráficos), de forma a efetuar uma análise e interpretação mais eficazes dos dados.

### **2.5.1. Técnicas e métodos de recolha dos dados**

Na presente investigação, foram utilizados diversos métodos e técnicas, de modo a se obter as informações e dados necessários. A técnica mais recorrente foi a observação participante, que decorreu no contexto natural onde sucedeu o que se quis estudar (Adler & Adler, 1994), ou seja, a investigadora observou as crianças ao longo de todo o processo do estudo. De acordo Lopes da Silva et al. (2016), “[...] a observação e o registo permitem recolher informações [...] essenciais para conhecer cada criança e a evolução dos progressos do seu desenvolvimento e aprendizagem.” (p.11). Neste sentido, houve a preocupação de seleccionar e recolher os dados e informações relativamente à investigação pretendida, sem influenciar os sujeitos.

O outro método utilizado nesta investigação foi a entrevista, visto que é

uma das técnicas mais comuns e importantes no estudo e compreensão do ser humano. Adota uma grande variedade de usos e uma grande multiplicidade de formas que vão da mais comum (a entrevista individual falada) à entrevista de grupo, ou mesmo às entrevistas mediatizadas pelo correio, telefone ou computador. (Fontana e Frey, 1994 citado em Aires, 2015, p. 27).

Assim, inicialmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, em pequenos grupos, de forma a compreender os conhecimentos e pensamentos prévios das crianças relativamente aos temas abordados. A entrevista partiu de uma questão inicial igual para

todos os pequenos grupos e, posteriormente, teve continuidade realizando-se um diálogo espontâneo. “A entrevista [...] semi-estruturada especifica as áreas que devem ser exploradas, mas não estrutura as perguntas nem a sequência destas.” (Silva et al, 2006, p. 251). As entrevistas são um método muito vantajoso numa investigação, pois, de acordo com a autora anterior, têm como principal objetivo a “recolha e aprofundamento de informação sobre acontecimentos, dinâmicas, concepções detectadas, ou não, durante a observação” (Aires, 2015, p. 29).

Para registar os dados, a investigadora utilizou registos de áudio, registos de vídeo, registos fotográficos e notas de campo. Todas estas técnicas possibilitaram uma melhor interpretação e análise da informação recolhida durante a investigação. Para além disso, a utilização destas técnicas diminuiu a subjetividade, permitindo, assim, que outros investigadores possam averiguar se o estudo foi realizado de forma coerente e passível de ser replicado em outras situações (Miles & Huberman, 1994). Para a recolha de todos os formatos de registo, foi elaborado um pedido de autorização (consentimento informado), que foi apresentado aos encarregados de educação de todas as crianças do grupo antes de se dar início à investigação, que continha os objetivos deste estudo e onde estava referido que se iria garantir a confidencialidade dos dados recolhidos, bem como o anonimato das crianças e da própria instituição (Apêndice A). Neste sentido, todos os encarregados de educação autorizaram que os seus educandos participassem no estudo, permitindo que fossem recolhidas as informações necessárias.

## **2.6. Intervenção Educativa**

Nesta investigação, foi fundamental começar por realizar uma observação do grande grupo, durante o período de estágio, recolhendo informações pertinentes para definir as diversas atividades de acordo com as necessidades e interesses do grupo. As atividades da investigação, propriamente ditas, foram aplicadas no período de janeiro a fevereiro de 2019, ou seja, após a conclusão da PES. Isto deveu-se ao facto de não ter existido a possibilidade de as incorporar nas atividades diárias feitas na sala de atividades. A investigação foi, pois, pensada e planeada de forma a permitir que a planificação da educadora e a efetuada e necessária para este estudo, fossem realizadas em simultâneo. Assim, foram-se formando pequenos grupos, de modo a respeitar as planificações existentes.

A investigação foi dividida em três fases, sendo que as duas primeiras fases se encontravam divididas em três etapas.

### 1.ª Fase:

Na primeira fase, como *primeira etapa* começou-se pela leitura mediada da história *O Sr. Tigre tornou-se selvagem*, de Peter Brown (Figura 2.1), ao grupo de crianças. Pretendia-se que estas observassem as ilustrações, bem como, o enredo da história.



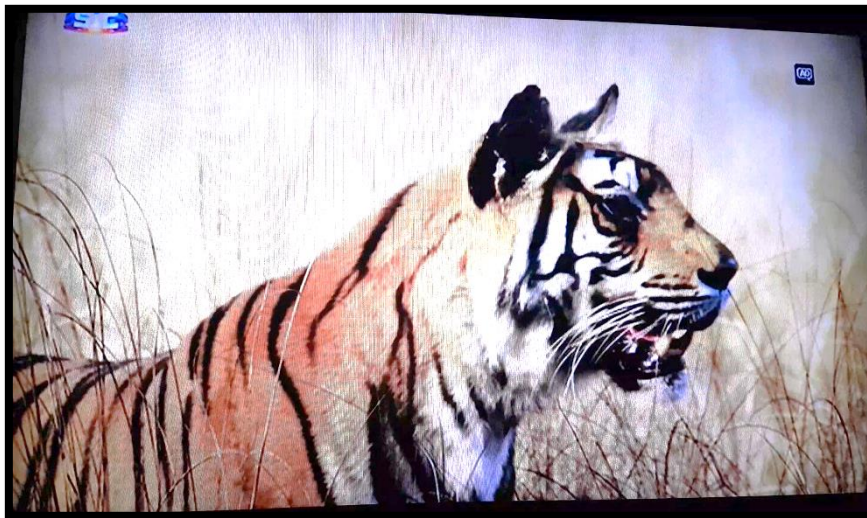
**Figura 2.2.61:** Livro *O Sr. Tigre torna-se selvagem*

De seguida, na *segunda etapa*, foi fornecida a cada criança uma cartolina contendo um quadro de dupla entrada (Figura 2.2), intitulado ‘O real e o imaginário’ (Apêndice B), bem como um saco (Apêndice C) com diversas imagens retiradas do livro, *O Sr. Tigre tornou-se selvagem* de Peter Brown, imagens de outras histórias para a infância, como por exemplo, *A melhor sopa do mundo*, de Susanna Isern, *Não!*, de Tracey Corderoy, e *Que coelhos irritantes!*, de Ciara Flood, e imagens que retratam aspetos da nossa realidade (Apêndice D). Neste instrumento, as crianças deveriam colocar, na respetiva coluna, as imagens retiradas dos livros e as imagens reais. Esta atividade, tinha, como objetivo, compreender se as crianças conseguiam fazer a distinção entre aquilo que acontece na realidade e o que acontece no imaginário das histórias e que se encontra plasmado nas mesmas. Após a realização desta atividade desenvolveram-se algumas conversas informais com as crianças, de forma a compreender melhor o porquê das suas escolhas.



*Figura 2.2: Crianças C, B e D a realizar a atividade 'O real e o imaginário' com imagens do livro O Sr. Tigre torna-se selvagem*

Para concluir, na *terceira etapa*, foi visualizado um trecho do documentário “Tigres” do BBC Vida Selvagem (Figura 2.3), em grande grupo, com o propósito de as crianças observarem como é, na realidade, a vida de um tigre: como é o seu habitat; quais são as suas principais características, entre outros aspetos. No final, realizou-se uma conversa em grande grupo sobre os dois conceitos: real e imaginário, tendo em conta todas as atividades anteriormente realizadas.



*Figura 2.3: Imagem alusiva ao documentário “Tigres” do BBC Vida Selvagem*

## 2.ª Fase:

A segunda fase tinha como finalidade averiguar se o grupo de crianças tinha compreendido os dois conceitos abordados na fase anterior, o real e o imaginário. Assim, iniciou-se a *primeira etapa* desta fase com a leitura mediada do livro *A que sabe a Lua?*,

de Michael Grejniec (Figura 2.4), durante a qual foram observadas as ilustrações do mesmo, em grande grupo.



**Figura 2.4:** Livro *A que sabe a Lua?*

Posteriormente, na segunda etapa, realizou-se, de novo, em grupos de quatro crianças, a atividade ‘O real e o imaginário’ Mais uma vez, cada criança tinha a sua cartolina com o quadro de dupla entrada (Apêndice B) e um saco (Apêndice C) com diversas imagens (Figura 2.5). Desta vez, as imagens eram diferentes das utilizadas anteriormente, ou seja, foram utilizadas imagens referentes ao livro *A que sabe a Lua?* de Michael Grejniec, imagens de outros livros para a infância, como por exemplo, *O Elmer*, de David McKee, e *Bicas e Azul*, de Kristyna Litten, e imagens que representam a nossa realidade (Apêndice E). Realizaram-se, novamente, conversas informais após a atividade, com o objetivo de entender as escolhas das crianças.



**Figura 2.5:** Crianças F e H a realizar a atividade 'O real e o imaginário' com imagens do livro *A que sabe a Lua?*

Por fim, na terceira etapa, visualizou-se, em grande grupo, um documentário sobre a primeira viagem do Homem à Lua (Figura 2.6) e, para concluir esta fase, realizou-se uma conversa, de modo a compreender a informação que o grupo tinha conseguido reter desta fase da investigação.



*Figura 2.6: Imagem ilustrativa do documentário sobre a primeira viagem do Homem à Lua*

### 3.<sup>a</sup> Fase:

A terceira fase, ao contrário das anteriores, foi realizada individualmente com cada uma das crianças do grupo. Nesta fase foi feito o ‘Jogo do Imaginário’ (Figura 2.7), que consistiu na construção de uma história imaginária a partir de imagens reais, que estavam divididas em três categorias: (i) a primeira categoria continha imagens de animais; (ii) a segunda categoria incluía imagens de objetos; (iii) e a última categoria tinha imagens de locais. Cada categoria possuía dez imagens (Apêndices C e F). De forma a realizar o jogo, explicou-se, inicialmente, à criança, as regras do mesmo, ou seja, que existiam três categorias de imagens diferentes dentro de três sacos e que poderia retirar uma imagem de cada vez, de forma a criar uma história. As imagens dos sacos estavam viradas para baixo para que as crianças não tivessem acesso visual à carta que iriam retirar. Nas primeiras três cartas, a investigadora orientava para que retirassem uma carta de um animal, uma carta de um objeto e uma carta de um local, de forma a iniciarem a sua história. Após essa fase inicial, cada uma das crianças ia tirando as cartas conforme a sua vontade. Nesta fase, pretendeu-se averiguar se as crianças, após explorarem os conceitos de real e de imaginário, bem como, depois de terem explorado as suas

diferenças, seriam capazes de criar uma história imaginária a partir de imagens pertencentes à nossa realidade.



*Figura 2.7: Criança S e F a realizar a atividade 'Jogo do Imaginário'*

## Capítulo III – Análise dos Dados

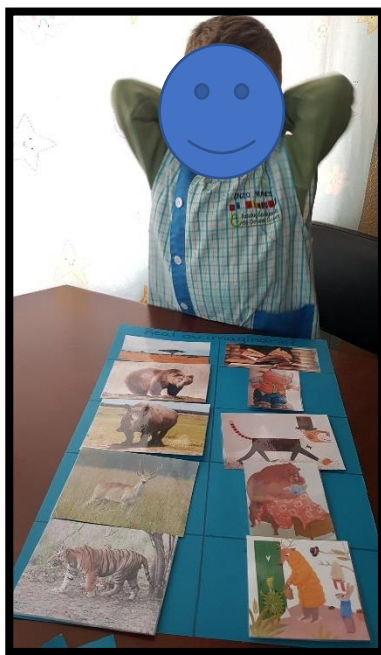
### 3.1. Resultados

Os resultados encontram-se organizados de acordo com a ordem das atividades realizadas no decurso desta investigação, pretendendo-se, assim, analisar e registar, progressivamente, o desenvolvimento de cada criança. Nas primeiras duas fases das atividades, foi realizada uma leitura mediada de duas histórias distintas, de modo a compreender as conceções prévias e a interpretação do conceito do real e do conceito do imaginário, assim como a evolução dos conhecimentos das crianças. Os dados que se apresentam, seguidamente, são relativos às atividades realizadas após a leitura dos livros. É, ainda, essencial referir que, para analisar e interpretar esses dados de forma mais correta, foi fundamental recorrer às informações recolhidas, ou seja, aos registos de áudio, aos vídeos, às fotografias e às notas de campo.

#### 1.ª e 2.ª Fases – Atividade ‘O real e imaginário’

Na primeira fase, após a leitura mediada do livro *O Sr. Tigre tornou-se selvagem*, de Peter Brown, foi realizada a atividade ‘O real e o imaginário’, cujo objetivo era compreender se as crianças distinguiam as imagens reais das imaginárias, tendo em conta os seus conhecimentos prévios. Assim, inicialmente, foram organizados, aleatoriamente, grupos de quatro crianças, para realizar a atividade numa sala, sem a presença do restante grupo. Foi explicado às crianças o significado do quadro de dupla entrada, bem como, em que consistiam as imagens que se encontravam dentro de um saco. Os resultados desta etapa foram registados através de fotografias tiradas ao quadro que cada criança preencheu.

A figura 3.1 é um exemplo dessas fotografias, mostrando a produção da criança **B**. Observando esta figura, pode-se constatar que a criança **B** conseguiu realizar com sucesso a atividade ‘O real e o imaginário’ com imagens do livro *O Sr. Tigre torna-se selvagem*. Desta forma, conseguiu preencher o quadro, colocando as imagens associadas ao real e as imagens associadas ao imaginário nas colunas respetivas, que representavam essas duas categorias.



**Figura 3.1:** Quadro ‘O real e imaginário’ preenchido pela criança **B**

Posteriormente, foi realizada a segunda fase da investigação que consistiu na leitura mediada do livro *A que sabe a Lua?*, de Michael Grejniec, e a atividade ‘O real e o imaginário’. Esta fase teve como principal objetivo compreender se houve evolução dos conhecimentos de cada criança, relativamente a estes dois conceitos, e se seriam capazes de os colocar em prática.

De forma a organizar e a compreender melhor os dados, utilizou-se uma tabela para uma análise mais detalhada (Tabela 3.1).

Deste modo, também se verifica se houve progressos a nível dos conhecimentos das crianças. Na primeira coluna da tabela, estão representadas as crianças que participaram na investigação. Nas duas colunas seguintes, encontram-se os resultados da primeira fase da investigação. Nesta, pode-se apurar quantas crianças conseguiram ou não, previamente à intervenção pedagógica mediada pela investigadora, distinguir os dois conceitos. Nas duas últimas colunas, estão representados os resultados da segunda fase da investigação (após a intervenção pedagógica), em que se pretendia compreender de que forma evoluíram os conhecimentos das crianças. Isto é, se as crianças conseguiram compreender os conceitos abordados pela investigadora no decorrer da sua intervenção, de modo a completar corretamente o quadro da atividade.

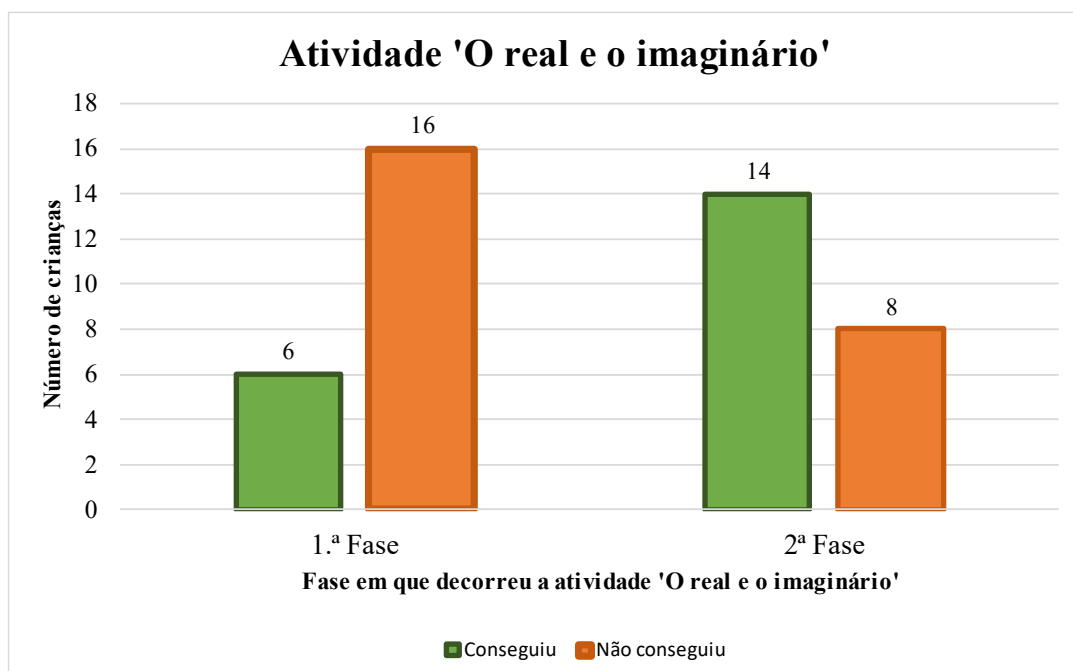
Ou seja, através da comparação entre a primeira vez que se realizou a atividade ‘O real e o imaginário’ e a segunda vez que se realizou a mesma, é possível verificar se a criança desenvolveu ou não novos conhecimentos relacionados dos dois conceitos.

**Tabela 3.1:** Dados recolhidos da atividade 'O real e o imaginário' na 1.<sup>a</sup> fase e na 2.<sup>a</sup> fase

Criança	1 <sup>a</sup> Fase		2 <sup>a</sup> Fase	
	Conseguiu	Não conseguiu	Conseguiu	Não conseguiu
A	X		X	
B	X		X	
C		X	X	
D	X		X	
E		X	X	
F	X			X
G		X		X
H		X	X	
I	X		X	
J		X	X	
L		X	X	
M		X		X
N		X	X	
O		X	X	
P	X		X	
Q		X		X
R		X		X
S		X		X
T		X	X	
U		X		X
V		X	X	
X		X		X

Analisando a tabela 3.1 é possível observar que o número de crianças que foram capazes de identificar as imagens de situações reais e de situações imaginárias, colocando-as, corretamente, no quadro de registos da atividade, aumentou, quando se passa da primeira para a segunda fase da atividade. Para uma análise mais clara, estes dados encontram-se espelhados no gráfico 3.1.

Assim, pode-se observar que na primeira fase apenas 6 crianças conseguiram preencher o quadro de forma correta, enquanto as restantes 16 não o fizeram. Porém, na segunda fase observa-se um aumento em relação ao número de crianças que foram capazes de fazer a atividade corretamente. Tal como se pode observar neste gráfico, 14 crianças conseguiram colocar as imagens nos respetivos lugares do quadro e 8 não o conseguiram.



*Gráfico 3.1: Representação do número de crianças que conseguiu e que não conseguiu realizar a atividade 'O real e o imaginário', na 1.ª Fase e na 2.ª Fase.*

Deste modo, pode-se inferir que houve, também, progressos ao nível dos conhecimentos das crianças. Ou seja, através da comparação entre a primeira vez que se realizou a atividade 'O real e o imaginário' e a segunda vez que se realizou esta mesma atividade, foi possível verificar que a maioria das crianças desenvolveu novos conhecimentos relacionados com os dois conceitos.

De forma a compreender as escolhas das crianças, quanto à realização desta atividade ('O real e o imaginário') foram efetuadas breves conversas com pequenos grupos de crianças, constituídos por quatro ou cinco elementos, após terminarem esta tarefa. Estas conversas encontram-se detalhadas nas notas de campo da investigadora (Apêndice G e H). Contudo, na primeira fase não foi possível realizar este diálogo com metade das crianças do grupo por questões de logística e de planificação da educadora.

Na segunda fase, esta questão foi solucionada e foi possível desenvolver as conversas com todas as crianças do grupo.

Verificou-se que, na primeira etapa, as crianças demonstravam estar ainda um pouco desconfortáveis com a utilização e compreensão dos conceitos abordados, como é possível observar nos exemplos seguintes:

➤ 1.<sup>a</sup> Fase – ‘O real e imaginário’ – Livro *O Sr. Tigre torna-se selvagem*

1.º grupo de crianças – A, B, C, D

**Investigadora:** Então este urso é imaginário. E o outro urso é?

**Criança A:** Selvagem.

**Investigadora:** E este veado?

**Criança C:** Feliz.

**Investigadora:** Ele move-se com as quatro patas? Será que está vestido com uma manta como o urso?

**Todas as crianças:** Não, anda com as quatro patas.

2.º grupo de crianças – E, F, G e H

**Investigadora:** Muito bem, sim, os polvos nadam com oito tentáculos. E os que andam com quatro patas, de que lado da nossa tabela devem ficar?

**Criança G:** Aqui (Aponta para a imagem dos livros – imaginário)

**Investigadora:** Esta imagem é ...? (Aponta para a imagem dos livros)

**Criança G:** Livros.

**Investigadora:** E nos livros, os animais deslocavam-se com quatro patas?

**Criança G:** Ah! Isto está mal! (Começa a corrigir).

(Cf. Apêndice G)

Tal como se pode constatar, quer no primeiro grupo, quer no segundo grupo, as crianças demonstraram alguma dificuldade em utilizar corretamente os conceitos abordados. Apesar disso, algumas crianças foram capazes de demonstrar algum conhecimento acerca dos mesmos. De referir, contudo, que este breve diálogo foi difícil de concretizar com todos os grupos de crianças, uma vez que as suas respostas se reportaram a assuntos diferentes do que estava a ser tratado. Estas respostas incidiram, quase sempre, em situações do seu quotidiano ou algo que naquele momento sentiram

necessidade de partilhar com o restante grupo. No entanto, nas transcrições que se apresentam nos apêndices G, H, I e J, essas partes foram omitidas por não serem relevantes.

Na segunda fase, foi possível observar uma grande evolução no diálogo, uma vez que respondiam mais detalhadamente e utilizavam mais conceitos e exemplos mais concretos. Como se pode observar nos seguintes exemplos:

➤ 2.<sup>a</sup> Fase – ‘O real e imaginário’ – Livro *A que sabe a Lua?*

3.º grupo de crianças – J, G, A, T e L

**Investigadora:** Lembram-se de que o tigre estava a tentar alimentar-se de um animal? Qual era esse animal, sabem?

**Criança J:** Ele estava a tentar comer veados.

**Investigadora:** Neste caso, eram gazelas. Nesta imagem que temos aqui, está uma leoa. O que será que ela está a tentar fazer?

**Criança G:** Está a tentar atacar a zebra e conseguiu, porque está a morder a cauda dela.

**Investigadora:** Muito bem. Então, será que na vida real o leão se colocava em cima das costas da zebra ou a tentava comer?

**Criança J:** Comia a zebra.

4º grupo de crianças – D, H, N e I.

**Investigadora:** Vamos pensar... Nesta coluna do real quais os animais que temos de colocar?

**Criança H:** Da savana.

**Investigadora:** Então, são animais reais que vivem na nossa realidade. E nesta coluna do imaginário, quais são os animais que colocaríamos nessa?

**Criança I:** Estes, porque são das histórias.

(Cf. Apêndice H)

Por fim, para concluir as duas primeiras fases, foram visualizados dois vídeos. O primeiro era um trecho do documentário “Tigres” do BBC Vida Selvagem e o segundo era um documentário sobre a primeira viagem do Homem à Lua. Posteriormente, realizaram-se duas conversas em grande grupo. Na primeira conversa, pudemos observar que as crianças ainda demonstravam uma falta de conhecimento relativamente às

características e ações de um tigre real. Porém, na segunda conversa em grande grupo pudemos verificar uma maior compreensão dos conceitos abordados, tal como, a capacidade de dialogar mais detalhadamente sobre os mesmos (Apêndice I), como podemos observar nestes breves exemplos:

➤ Conversa em grande grupo – 1.ª Fase – Documentário “Tigres”

**Investigadora:** Recordam-se de qual era a cor do pelo do tigre?

**Criança B:** Branco, laranja e preto.

**Investigadora:** E ele deslocava-se com quantas patas? Duas ou Quatro?

**Criança H:** Quatro patas.

**Investigadora:** Pois, ele não estava vestido com roupa como o tigre da nossa história. E do que é que os tigres precisavam para sobreviver, recordam-se?

**Criança I:** Água e ervas para se esconderem.

**Investigadora:** Muito bem, água doce para beber, ervas para se esconderem e caçar outros animais para se alimentarem. Quais eram os animais que eles estavam a perseguir?

**Criança G:** Veados.

➤ Conversa em grande grupo – 2.ª Fase – Documentário sobre a primeira viagem do Homem à Lua

**Investigadora:** No vídeo que visualizamos agora, o que é estava retratado?

**Criança I:** A viagem à Lua.

**Criança F:** A primeira viagem.

**Investigadora:** Muito bem, será que a Lua é um lugar perto ou muito longe do nosso planeta Terra?

**Criança H:** Muito longe.

**Investigadora:** Será que, se nós nos colocássemos sobre as costas uns dos outros, conseguíamos chegar à Lua como o rato da nossa história?

**Criança D:** Não, não conseguíamos.

**Investigadora:** Então, como será que podíamos ir visitar a Lua? No vídeo que vimos agora, eles foram até a Lua como?

**Criança B:** Foguete.

**Investigadora:** No foguetão. E lembram-se de quantas pessoas foram nesse foguetão?

**Criança C:** Três homens com capacetes.

**Investigadora:** Muito bem! Eles iam vestidos como?

**Criança G:** Com capacetes e fatos espaciais.

(Cf. Apêndice I)

### 3.<sup>a</sup> Fase – Atividade ‘Jogo do imaginário’

Após a realização da primeira fase e da segunda fase da investigação, realizou-se uma última fase que consistia no jogo: ‘Jogo do imaginário’. Nesta fase, pretendia-se compreender se as crianças conseguiam criar uma história imaginária a partir de imagens que representavam animais, objetos e lugares reais. Depois de se terminar esta fase e rever os vídeos que retratavam o desempenho de cada criança nesta atividade, a investigadora decidiu dividir as crianças por três categorias. Ou seja, (i) as crianças que conseguiram realizar a história sozinhas; (ii) as crianças que conseguiram realizar a história com apoio da investigadora; (iii) e as crianças que não conseguiram elaborar uma história. De seguida, serão apresentados alguns exemplos de acordo com essas categorias e no Apêndice J encontram-se as histórias completas de cada criança.

#### ➤ Criança Q – Conseguiu elaborar uma história – Categoria (i)

**Criança Q:** Brincava muito!

**Investigadora:** Com o quê? Sozinha?

**Criança Q:** Escorregava, baloiçava, girava, andava, baloiçava e ia para aquela ponte aqui que abana. Subia de novo aqui, mas não tinha ninguém para brincar.

**Investigadora:** E o que ela fez?

**Criança Q:** Brincava sozinha e depois foi procurar um amigo para ela brincar.

**Investigadora:** E encontrou o amigo?

**Criança Q:** Sim!

**Investigadora:** Quem seria esse amigo?

**Criança Q:** (tira a carta da girafa) Era a girafa.

**Investigadora:** E como se chamava a girafa?

**Criança Q:** Savana, também.

**Investigadora:** Que giro! E agora que estavam as duas juntas, o que será que elas faziam no parque?

**Criança Q:** Brincavam muito, a girafa sentava-se no balancé com a zebra e balançavam. Depois escorregava, escorregava, escorregava e girava, girava e girava. A girafa baloiçava a zebra assim (imitou o som e o movimento de um sino) e depois trocavam de

lugar, a zebra é que baloiçava a girafa. E depois ficaram cansada e decidiram beber água do real.

**Investigadora:** E o que se passou depois de beberem água?

**Criança Q:** Voltaram a brincar. Depois a zebra teve de ir embora e a girafa também. A zebra vestiu o seu casaco e foi-se embora para casa e a girafa também, mas primeiro tinha de beber água. E a seguir voltaram e disseram “Olá de novo!” e foram beber muita água.

➤ Criança D – Conseguiu com apoio da investigadora – Categoria (ii)

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança D:** (tira a carta da gazela) Gazela.

**Investigadora:** Como se chamava a tua gazela?

**Criança D:** Girafa.

**Investigadora:** O que é que ela tinha?

**Criança D:** (tira a carta do livro) Um livro.

**Investigadora:** Qual era a história do livro dela, sabes?

**Criança D:** Era de bonecos.

**Investigadora:** E onde é que a Girafa vivia?

**Criança D:** (tira a carta da floresta) Na floresta.

**Investigadora:** E ela vivia sozinha na floresta ou tinha mais animais?

**Criança D:** (tira a carta do elefante) Não, vivia com amigos! Um elefante.

**Investigadora:** Como se chamava o elefante?

**Criança D:** Chamava-se Urso.

➤ Criança P - Não conseguiu elaborar uma história – Categoria (iii)

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança P:** (tira a carta da girafa) Girafa.

**Investigadora:** Como é que ela se chamava?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Como se chamava a tua girafa?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Que tal, era uma vez uma girafa chamada Sara?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Sentes-te com vergonha? Queres que eu te ajude mais um pouco?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** Vamos começar de novo. Era uma vez um...

**Criança P:** (tira a carta do rato) Rato.

**Investigadora:** E ele comia o quê?

**Criança P:** Queijo.

**Investigadora:** Com o seu amigo...

**Criança P:** (encolheu os ombros)

(Cf. Apêndice J)

De forma a facilitar a organização e análise dos dados recolhidos relativamente à terceira fase, elaborou-se se uma tabela, de acordo com as categorias anteriormente referidas. Neste sentido, na primeira coluna da tabela encontram-se as crianças que participaram no estudo, na segunda coluna estão assinaladas quais as crianças que conseguiram criar uma história, na terceira coluna encontram-se indicadas as crianças que conseguiram elaborar uma história com apoio da investigadora, na quarta coluna estão sinalizadas as crianças que não conseguiram construir uma história e na quinta coluna são descritas algumas observações relevantes acerca do desempenho de cada criança durante esta atividade.

*Tabela 3.2: Dados referentes da atividade 'Jogo do imaginário'*

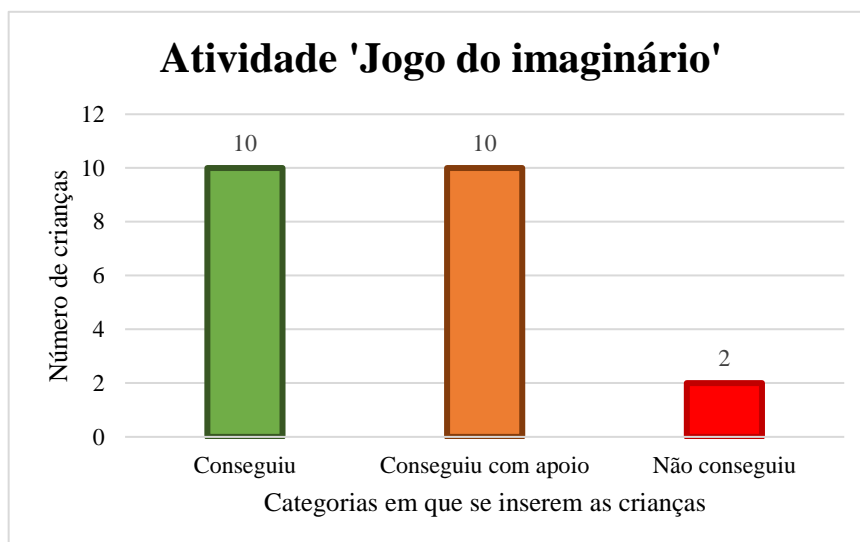
<b>Crianças</b>	<b>Conseguiu (i)</b>	<b>Conseguiu com apoio (ii)</b>	<b>Não conseguiu (iii)</b>	<b>Observações</b>
A	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, depois, porém, começou a realizar sozinha uma história mais detalhada até ao final.
B		X		Necessitou de alguma orientação da investigadora, porém, foi capaz de complementar sempre as sugestões lhe foram apresentadas.
C	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora., depois, porém, conseguiu desenvolver uma história mais detalhada.
D		X		Conseguiu, mas com muito apoio, foi notória a dificuldade. Apenas completava poucas frases.

E		X		Necessitou de algum apoio, pois demonstrou alguma dificuldade, porém, foi complementado as sugestões da investigadora.
F	X			Necessitou de alguma orientação da investigadora, porém conseguiu desenvolver uma história mais detalhada até ao fim.
G	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, porém foi capaz de complementar sempre as sugestões que lhe foram apresentadas e de desenvolver um pouco as ideias.
H		X		Necessitou de algum apoio, pois demonstrou alguma dificuldade. Porém, foi complementado as sugestões da investigadora.
I	X			Necessitou de alguma orientação da investigadora no início da atividade, mas conseguiu realizar sozinha uma história mais pormenorizada.
J	X			No início, necessitou de alguma orientação da investigadora, porém, foi conseguindo desenvolver as suas ideias mais detalhadamente.
L		X		Necessitou de apoio, pois demonstrou alguma dificuldade, porém, foi complementado as sugestões da investigadora.
M			X	Apesar de a investigadora ter feito sugestões, a criança, apenas, concordou com as sugestões sem adicionar mais elementos.
N	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, mas foi sempre capaz de complementar as sugestões que lhe foram apresentadas.
O		X		Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, porém, foi capaz de complementar sempre as sugestões que lhe foram apresentadas.
P			X	A investigadora foi apresentando sugestões e incentivou a criança, mas esta não conseguiu. Notou-se um certo desconforto ao realizar o jogo.

Q	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, no entanto conseguiu completar e desenvolver as suas ideias a partir das sugestões.
R	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, porém conseguiu ir construindo sozinha uma história um pouco mais detalhada.
S		X		Necessitou de apoio da investigadora, mas foi capaz de complementar sempre as sugestões que lhe foram apresentadas.
T	X			Inicialmente, necessitou de alguma orientação da investigadora, contudo, conseguiu apresentar as suas ideias e desenvolvê-la um pouco.
U		X		No início, não estava a conseguir desenvolver uma história, porém, foi conseguindo completar as sugestões da investigadora, embora com alguma dificuldade.
V		X		Necessitou de apoio da investigadora, porém, foi capaz de completar sempre as sugestões que lhe foram apresentadas.
X		X		Demonstrou muita dificuldade na construção da história, porém, respondeu às questões da investigadora e, pontualmente, acrescentou, espontaneamente, algumas considerações.

Analisando a tabela 3.2 é possível observar que a maioria das crianças foi capaz de criar uma história imaginária com ou sem auxílio da investigadora. Para uma análise mais clara, estes dados encontram-se espelhados no gráfico 3.2.

Deste modo, fazendo a leitura do gráfico, dez crianças foram capazes de construir uma história, dez conseguiram realizar a história com o apoio da investigadora e apenas duas crianças não foram capazes de criar uma história.



*Gráfico 3.2: Representação do número de crianças que conseguiu, que conseguiu com apoio e que não conseguiu realizar a atividade da 3.ª Fase 'Jogo do imaginário'.*

### 3.2. Discussão dos resultados

Depois de organizar os dados recolhidos, torna-se possível realizar uma análise mais aprofundada e uma reflexão sobre os detalhes de cada fase da investigação. Antes de mais, é importante referir que as crianças demonstraram um grande interesse e entusiasmo na realização de todas as atividades propostas ao longo do estudo.

Na primeira e segunda fase da investigação, durante as leituras mediadas foi possível observar que as crianças estiveram bastante envolvidas nas narrativas e focadas, tendo participado ativamente sempre que a investigadora interagiu com elas. Estes factos estão de acordo com as teorias de Lopes da Silva et al (2016), Traça (1992) e Silva e Barroso (2014) que referem a importância da literatura para a infância e enaltecem o seu papel formativo e a construção de conhecimentos provenientes das histórias.

Após as leituras, tanto na primeira fase como na segunda fase, realizou-se a atividade 'O real e o imaginário'. Na primeira fase, constatou-se que a maioria das crianças demonstrava, inicialmente, uma certa dificuldade na compreensão dos conceitos abordados. Pressupõem-se que esta dificuldade se poderia dever a uma falta de

conhecimento prévio, pois, é possível que as crianças ainda não tivessem explorado estes conceitos. Na segunda fase, notou-se uma grande evolução, uma vez que o número de crianças que conseguiu realizar a atividade sem dificuldades foi maior em comparação com a atividade realizada na fase anterior. Neste caso, verificou-se que as crianças **C, E, H, J, L, N, O, T** e **V** demonstraram evolução de uma fase para a outra, sendo que na primeira fase não conseguiram fazer a atividade de forma correta e na segunda fase já foram capazes de completar o quadro colocando as imagens na coluna apropriada. As crianças **A, B, D, I** e **P** conseguiram completar o quadro corretamente em ambas as fases. Contudo, as crianças **G, M, Q, R, S, U** e **X** não foram capazes de realizar o quadro de forma correta, pressupondo-se que não compreenderam ou adquiriram conhecimentos sobre os conceitos abordados. Desta forma, pode-se afirmar que esses acontecimentos estão em concordância com os autores Silva (2018), Martins et al (2009), Pereira (2002), Hohman e Weikart (2003) e Rodari (2006) que abordam a importância da interação das crianças com o meio envolvente, explorando por elas próprias fenômenos e conceitos simples, procurando evidências, de forma que futuramente formulem novas hipóteses, ideias e construam aprendizagens mais complexas.

De salientar que a criança **F**, inicialmente foi capaz de realizar a atividade de forma correta, porém na segunda fase apresentou algumas dificuldades, não conseguiu colocar as imagens nas colunas apropriadas. Assim, esta regressão gerou alguma curiosidade na investigadora, fazendo-a refletir sobre as hipóteses que poderiam explicar este acontecimento. Por exemplo, na primeira fase, a criança **F** poderia ter copiado por outra criança, sem que a investigadora tivesse reparado ou, então, a criança, inicialmente, poderá ter colocado as imagens de forma mais aleatória e, por acaso, conseguiu dispor as imagens nas colunas corretas.

Relativamente aos diálogos que aconteceram após cada uma das atividades, de ‘O real e o imaginário’, pode-se verificar que a maneira de as crianças se expressarem foi diferente em cada uma das fases. Ou seja, na primeira fase notou-se que as crianças não possuíam tantos conhecimentos a nível científico sobre os temas abordados e, ainda, que usavam vocabulário mais simples. Porém, na segunda fase, as crianças já demonstravam mais algum conhecimento e um vocabulário mais complexo, como por exemplo, utilizavam palavras como “savana”, “imaginário”, “real”, “astronautas” e “foguetão”. Neste sentido, concluiu-se que houve uma grande evolução nos conhecimentos adquiridos ao longo da investigação. Apesar de na primeira fase não se ter realizado estes diálogos com todas as crianças, verificou-se que as crianças **B, C, F, G** e **J** demonstraram

alguns conhecimentos gerais sobre os temas abordados. E que as crianças **C, G e J**, mesmo não tendo concluído a atividade do quadro com sucesso, apresentaram alguns conhecimentos durante os diálogos. Na segunda fase, verificou-se, através dos diálogos, que as crianças **A, C, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, R, S, T e V** manifestaram conhecimentos e souberam identificar quais os animais que pertenciam ao real e ao imaginário e quais as características que os distinguiam. Porém, observou-se que as crianças **F, G, M e R**, apesar de não terem conseguido completar o quadro com as imagens apropriadas, demonstraram algum conhecimento oralmente. Para além disso, constatou-se que as crianças **C, F, G e J** tanto na primeira como na segunda fase, conseguiram responder corretamente às questões da investigadora, usando os termos e conceitos abordados na investigação

Após a primeira e a segunda fases, foram visualizados dois documentários e, posteriormente, para concluir dialogou-se com as crianças sobre cada um dos documentários. Nesta etapa, foi, também, notória uma evolução nos conhecimentos, bem como, no vocabulário utilizado.

Estes diálogos em pequenos grupos e em grande grupo, tal como referem Sá e Varela (2004) e Pereira (2002) foram uma forma de as crianças se analisarem a si próprias e aos seus pares, na medida em que puderam comparar as suas respostas. Para além disso, também, foram importantes para ajudá-las a descentrarem-se dos seus pontos de vista respeitando a opinião dos outros, de modo a consolidar e aprofundar conhecimentos.

Na terceira fase, apesar de se ter observado bastantes dificuldades durante a construção das histórias e de a maioria das crianças necessitar de apoio e orientação por parte da investigadora, a taxa de sucesso foi muito elevada, uma vez que apenas duas crianças não foram capazes de criar a sua própria história. Para além disso, importa referir que algumas das crianças que se inserem na categoria “Conseguiu” necessitaram de alguma orientação da investigadora para iniciar a construção da história. Contudo, foram capazes de desenvolver uma narrativa mais completa, de acordo com as questões propostas. Relativamente às crianças que fizeram a história com apoio, verificou-se que muitas delas se limitavam a responder às questões da investigadora, demonstrando dificuldade em aprofundar a sua própria história. Dentro da categoria das crianças que conseguiram criar uma história, observou-se mais detalhadamente que as crianças **A, C, F, G e Q** conseguiram desenvolver mais aprofundadamente os acontecimentos nas suas histórias. As crianças **I, J, N, R e T** fizeram um bom desenvolvimento das suas histórias, contudo, não foram capazes de pormenorizar a sua narrativa. Na categoria em que as

crianças necessitaram de bastante apoio da investigadora, observou-se que as crianças **B**, **D**, **E**, **H** e **L**, ao responderem às questões e sugestões por vezes acrescentavam alguns elementos. Já as crianças **O**, **S**, **U**, e **V** limitaram-se apenas a responder sem acrescentar muitos mais detalhes. Importa ainda salientar que, nesta categoria, a criança **X**, foi a que relevou mais dificuldades na execução da história mesmo com o apoio da investigadora, mas, foi notável o seu esforço em ultrapassar as suas dificuldades. Para além disso, outro facto interessante que se constatou na maioria das histórias, diz respeito aos nomes que as crianças atribuíram aos animais. Ou seja, muitas crianças nomeavam os animais com nomes de outras crianças que conheciam, o que demonstrou que colocaram um pouco da sua realidade na sua história imaginária. E houve um caso em particular que suscitou alguma curiosidade, a Criança **D**. Esta criança, ao nomear os animais, utilizou nomes de outros animais por exemplo, ao retirar a carta da gazela deu-lhe o nome de “girafa”. Este facto pode indicar uma certa criatividade por parte da criança.

De acordo com Rodari (2006), Rodrigues (1976) e Mendes (2018) o pensamento nesta faixa etária é mágico e, por vezes, a criança não faz discriminação entre a realidade externa e os produtos da sua fantasia. Mas, é através do imaginário que a criança procura uma explicação para o real e para aquilo que é novo para si. Para além disso, também é ao explorar a realidade que a criança imagina novas possibilidades e novos mundos. Portanto, a criação de histórias é uma forma de a criança utilizar a sua realidade conjugando com a sua imaginação, de forma a lhe atribuir significado. Tal como foi referido por estes autores, a criança utiliza a imaginação para compreender e assimilar a sua realidade envolvente e, ao analisar a sua realidade, também é capaz de criar novos mundos imaginários.

Após a conclusão da atividade, a investigadora refletiu sobre todos os acontecimentos que observou durante esta última fase e ponderou que poderia ter feito uma abordagem e explicação diferentes, de modo a tentar atenuar as dificuldades, pois sentiu que este tipo de jogo era desconhecido para as crianças e, por vezes, notou-se que havia um certo desconforto ao realizar a atividade. Para além disso, existiram casos em que, no início do jogo, a criança estava um pouco mais contida e se limitava a responder às questões da investigadora, mas, com o decorrer do jogo, verificou-se que essas crianças começavam a construir uma narrativa mais completa e acrescentando elementos que não se encontravam nos cartões do jogo. Como defendem Mendes (2018), Robinson e Aronica (2011), Abenta (2014) e Sousa (2003), é a partir da imaginação que as crianças, expressam os seus sentimentos e os seus conhecimentos sobre o seu mundo envolvente,

sendo o/a educador/a um/a orientador/a que estimula a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico para a construção de aquisições bem-sucedidas.

Em suma, ao terminar o processo de investigação, foi possível constatar que as atividades que foram desenvolvidas proporcionaram um aumento do desenvolvimento e dos conhecimentos das crianças relativamente às temáticas abordadas. E, após a conclusão de toda a investigação, também foi notório que algumas crianças tentavam recriar as atividades desenvolvidas e demonstravam mais interesse em atividades semelhantes. Estes factos vão ao encontro do que defende Abenta (2014), que afirma que o pensamento criativo, à semelhança do científico, possibilita uma resolução mais eficaz dos problemas que possam surgir no quotidiano. Ambos estimulam as crianças a questionar, explorar, descobrir, criar, transformar, encontrar soluções e formar opiniões.

## Considerações Finais

Ao concluir este relatório, foi possível refletir que, ao longo de todo o processo de investigação e da realização da Prática de Ensino Supervisionada, a investigadora ultrapassou as suas dificuldades e adquiriu diversas aprendizagens. Ao longo da investigação, o maior desafio que a investigadora encontrou foi a organização do tempo, uma vez que o tempo disponível para a realização das atividades era reduzido. Neste sentido, foi necessária uma articulação entre as várias partes envolvidas. Outra situação que comprometeu, de certa forma, a recolha dos dados do estudo foi o facto de as crianças terem perceção de que estavam a ser filmadas, o que deu origem a um certo constrangimento, o que poderá ter influenciado os resultados, especialmente, na terceira fase da investigação. Contudo, após refletir sobre estas dificuldades, a investigadora considerou os aspetos que poderia ter melhorado na sua ação pedagógica, como, por exemplo, a abordagem de algumas atividades e a organização do tempo e do espaço. Consequentemente, sentiu que estes desafios ajudaram no seu crescimento pessoal e profissional.

Deste modo, durante a Prática de Ensino Supervisionada, mais propriamente durante a investigação, a investigadora foi constatando que as áreas de conteúdo abordadas, apesar de aparentemente parecerem muito distintas, estão bastante interligadas. Ou seja, pode-se afirmar que partindo da área de literatura para a infância ou da área das Ciências é possível construir uma ampla variedade de atividades englobando diversas temáticas, possibilitando, assim, uma abordagem holística dos conhecimentos por parte de todos os intervenientes. Desta forma, partindo deste estudo, poder-se-ia ter desenvolvido mais atividades como por exemplo, explorar um pouco mais o ‘Jogo do Imaginário’ de maneiras mais diversificadas, aumentando o número de crianças que realizam o jogo; identificar os elementos reais e os imaginários de uma história; realizar uma dramatização partindo de factos reais, entre outras. Assim, seria possível dar uma continuidade à exploração das temáticas em questão, aprofundando os conhecimentos e abrangendo outras áreas de conteúdo.

No geral, o balanço da investigação foi bastante positivo, sendo que os obstáculos e os desafios encontrados conseguiram ser superados, não se tornando problemáticos no rumo da investigação. Neste sentido, a investigadora teve a certeza da importância de explorar e estimular a criatividade e a imaginação com as crianças. Assim, ao fazê-lo conjuntamente com as outras áreas de conhecimento, possibilita que as crianças se

desenvolvam a nível cognitivo, encontrando novas formas de raciocínio, tornando-as capazes de encontrar novas soluções para possíveis desafios que surjam no seu quotidiano. Além disso, promove, ainda, o autoconhecimento e a autonomia.

Concluindo, todo este processo surtiu efeito na investigadora, nomeadamente, no seu crescimento pessoal e profissional. Assim, todas estas vivências foram essenciais para que a investigadora fosse definindo que tipo de educadora pretende ser futuramente.

## Referências Bibliográficas

- Abenta, C. (2014). *Estimular a imaginação e a criatividade recorrendo à literatura para a infância*. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação e Comunicação, Universidade do Algarve].
- Adler, P. A., & Adler, P. (1994). Observational techniques. In N. Denzin & Lincoln, Y. (Eds.), *Handbook of Qualitative Research* (pp. 377-392). Sage Publications.
- Aires, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1999). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Barreto, G. (1998). *Literatura para crianças e jovens em Portugal*. Campo das Letras.
- Brown, P. (2016). *O Sr. Tigre torna-se selvagem*. Orfeu Negro.
- Carvalho, B. (1989). *A literatura infantil: Visão história e crítica*. (6ª ed.). Global.
- Coelho, N. (1984). *A Literatura infantil* (3.ª ed.). Edições Quíron.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education* (6th ed.). Routledge - Taylor & Francis Group.
- Cook, T. D., & Reichardt, CH. S. (2005). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa* (5ª ed.). Ediciones Morata.
- Domènech, M. & Estivill, E. (2007). *Histórias que ajudam a crescer – Contos pedagógicos para os pais se aproximarem dos filhos*. Lua de Papel
- Fonseca, O & Coelho, A. (2013). O conto para crianças – uma ponte pedagógica entre a razão e a imaginação. In J. C. Carvalho (coord.). *Arte e Ciências em diálogo*. Grácio Editor.
- Freire, C. (2019) *Relatório de Estágio de Mestrado em Educação Pré-Escolar e ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade da Madeira].
- Grejniec, M. (2017). *A que sabe a Lua?*. Kalandraka.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2003). *Educar a Criança*. (2.ªed). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-geral da Educação.
- Martins, I., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F., & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a Ciência: Atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação. [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/despertar\\_para\\_ciencia.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/despertar_para_ciencia.pdf).

- Mendes, J. (2018). *Relatório de estágio de mestrado*. [Dissertação de Mestrado, Departamento de Ciências da Educação, Universidade da Madeira].
- Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis. An expanded sourcebook*. Sage Publications.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Universidade Aberta.
- Richardson, R., Peres, J., Wanderley, J., Correia, L. & Peres, M. (2015). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas* (3.<sup>a</sup> ed.). Editora Atlas S.A.
- Robinson, K. & Aronica, L. (2011). *O Elemento*. Porto Editora.
- Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia. Introdução à arte de inventar histórias*. Caminho.
- Rodrigues, M. (1976). *Psicologia Educacional*. McGraw-Hill.
- Sá, J., & Varela, P. (2004). *Crianças aprendem a pensar ciências: Uma abordagem interdisciplinar*. Porto Editora.
- Saint-Exupéry, A. (1946). *O Príncipezinho*. Editora Caravela, LDA.
- Silva, A. (2018). *Ser Bebê na Creche - Viagem maravilhosa para a auto confiança* (2.<sup>a</sup> ed.). Mário Brito Publicações.
- Silva, G., Macêdo K., Rebouças, C., & Souza, A. (2006). Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. *Rede de Revistas Científicas da América Latina*, 5 (2), 246-257.
- Silva, M. (2019). *O desenvolvimento da imaginação e a atividade da criança em idade pré-escolar*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”].
- Silva, M. & Barroso, H. (2014). *O álbum infantil: Alguns critérios de seleção*. In Atas do VI Encontro do CIED – I Encontro Internacional em Estudos Educacionais, (p. 116-131). Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais/Escola Superior de Educação de Lisboa. [https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3560?fbclid=IwAR1tYzeKvpkodcwl\\_xFKIhzZTpOom\\_r-nUvzXGPb12cjq621qbZLAVOCibho](https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/3560?fbclid=IwAR1tYzeKvpkodcwl_xFKIhzZTpOom_r-nUvzXGPb12cjq621qbZLAVOCibho) .
- Sousa, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação – 1.º Volume*. Instituto Piaget.
- Traça, M. (1992). *O fio da memória do conto popular ao conto para crianças*. Porto Editora.
- Veiga, M. (2003). Formar para um conhecimento emancipatório pela vida da Educação em Ciências. In Luísa Veiga (coord.). *Formar para a Educação em Ciências na educação pré-escolar e no 1º ciclo do ensino básico*. Edições IPC- Inovar Para Crescer.
- Vygostky, L. (2012). *Imaginação e criatividade na infância*. Dinalivro

### **Livros utilizados para complementar o estudo empírico**

- Corderoy, T. (2013). *Não!*. Minutos de Leitura.
- Flood, C. (2016). *Que Coelhos Irritantes!*. Porto Editora.
- Isern, S. (2017). *A melhor sopa do mundo*. OQO Editora.
- Litten, K. (2018). *Bicas e Azul*. Edicare Editora.
- Mckee, D. (2017). *O Elmer*. Nuvem de Letras.

### **Fontes dos sites consultados**

- Conceito de Real no dicionário online Priberam: <https://dicionario.priberam.org/real>.
- Conceito de Imaginário no dicionário online Priberam:  
<https://dicionario.priberam.org/imagin%C3%A1rio>.

### **Fontes dos vídeos utilizadas na intervenção educativa**

- Documentário “Tigres”: [https://drive.google.com/file/d/1u-i8CbmAqZ4\\_bpoB9IjnocMbc\\_AQtLSW/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1u-i8CbmAqZ4_bpoB9IjnocMbc_AQtLSW/view?usp=sharing)
- Documentário “Primeira viagem à Lua”:  
<https://www.youtube.com/watch?v=fQXzXy7I0a0> .

### **Fontes das imagens utilizadas na intervenção educativa**

#### Atividade ‘O real e o imaginário’

- Livros que representam o imaginário: <https://www.telemoveis.com/apps/aplicacoes-para-ler-livros.html>.
- Savana que representa o real: <https://escola.britannica.com.br/artigo/savana/574514>.
- Tigre: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tigre-de-bengala>.
- Rinoceronte: <https://visao.sapo.pt/atualidade/ambiente/2018-03-22-o-ultimo-rinoceronte-branco-do-norte-macho-morreu-mas-ainda-ha-esperanca-para-a-subespecie/>.
- Veado: <https://bab.empreendedor-academico.com.br/unidades-conservacao-embematicas/ozotoceros-bezoarticus/>.
- Urso: <https://www.infoescola.com/mamiferos/urso/>.
- Leão e Zebra: <https://professoresdosucesso.com.br/a-unica-coisa-que-realmente-importa-o-resultado.html>.
- Rato: <https://pt.depositphotos.com/9854162/stock-photo-rat-with-cheese.html>.
- Girafa: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Girafa>.

Elefante: <https://meusanimais.com.br/a-inteligencia-do-elefante/>.

Atividade 'Jogo do imaginário'

Leão: <https://www.worldanimalprotection.org.br/not%C3%ADcia/xanda-filho-do-leao-cecil-e-morto-por-cacador-de-trofeu>.

Zebra: <https://unsplash.com/photos/UgidX4V13Gc>.

Girafa: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Girafa>.

Elefante: <https://meusanimais.com.br/a-inteligencia-do-elefante/>.

Rato: <https://pt.depositphotos.com/9854162/stock-photo-rat-with-cheese.html>.

Rinoceronte: <https://visao.sapo.pt/atualidade/ambiente/2018-03-22-o-ultimo-rinoceronte-branco-do-norte-macho-morreu-mas-ainda-ha-esperanca-para-a-subespecie/>.

Urso: <https://www.infoescola.com/mamiferos/urso/>.

Veado: <https://bab.empreendedor-academico.com.br/unidades-conservacao-embematicas/ozotoceros-bezoarticus/>.

Óculos de Sol: <https://www.oticasdiniz.com.br/ck8503sp007-294494922007/p>.

Livros: <https://www.telemoveis.com/apps/aplicacoes-para-ler-livros.html>

Telemóvel: <https://www.worten.pt/telemoveis-e-pacotes-tv/telemoveis-e-smartphones/samsung/smartphone-samsung-galaxy-j5-2017-5-2-2-gb-16-gb-preto-6253068>.

Chapéu: <https://www.mariachapeu.com.br/chapeu-fedora-social-miguel-chumbo.html>.

Mala de viagem: <https://www.savegnago.com.br/mala-viagem-ganda-luggage-24/p>.

Casaco: <http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT225631-17594,00.html>.

Relógio: <https://www.walmart.com.br/relogio-casio-unisex-vintage-a168wg-9wdf/relogios-e-joias/relogios/4707347/pr>.

Guitarra: <https://www.fnac.pt/Guitarra-Classica-Yamaha-C40-Instrumento-Musical-Instrumentos-Corda/a332156>.

Bola de futebol: <https://www.centauro.com.br/bola-fut-campo-adidas-tango-glider-845849.html>.

Consola de jogos: <https://www.kuantokusta.pt/videojogos/Consolas/Sony-PlayStation-4-PS4-Pro-1TB-p-10-92836>.

Ilha: <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/de-tao-bela-que-e-ate-custa-acreditar-que-esta-e-a-ilha-da-morte>.

Castelo: <https://www.pisa.tur.br/pacote/passeio-opcional-escocia-castelo-alnwick-e-norte-da-inglaterra>.

Praia: <https://www.vortexmag.net/as-9-melhores-praias-de-lagos/>.

Floresta: <https://www.elo7.com.br/painel-floresta-g-frete-gratis/dp/7BFA6A>.

Parque infantil: [https://www.tripadvisor.co.za/LocationPhotoDirectLink-g947008-d1162758-i255431725-Barcelo\\_Punta\\_Umbria\\_Mar-Punta\\_Umbria\\_Province\\_of\\_Huelva\\_Andalucia.html](https://www.tripadvisor.co.za/LocationPhotoDirectLink-g947008-d1162758-i255431725-Barcelo_Punta_Umbria_Mar-Punta_Umbria_Province_of_Huelva_Andalucia.html).

Lua: <https://zap.aeiou.pt/lua-contrario-planeta-234690>.

# Apêndices

## Apêndice A – Autorização para a participação das crianças na investigação



### Autorização para Participação na Investigação no Âmbito do Relatório de Mestrado

Exmos. Encarregados de Educação,

Eu, Sofia Alexandra da Silva Dias, estudante do segundo ano do mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, pretendo realizar um pequeno estudo para o meu Relatório de Mestrado. Deste modo, o estudo deverá ser desenvolvido na sala dos 4 anos, onde me encontro a estagiar.

O meu estudo terá como principal objetivo compreender se as crianças conseguem distinguir o que é real científico do imaginário nos livros de literatura para a infância. Assim sendo, venho solicitar a vossa autorização para a participação do(a) seu/sua educado(a) no meu estudo. Para isso, será necessária a recolha de alguns registos audiovisuais das crianças e das suas produções, para posterior análise o tratamento de dados.

Todos estes registos serão utilizados exclusivamente para o meu Relatório do Mestrado, de natureza académica, não sendo divulgada qualquer informação nem/ou a identidade da criança. Posteriormente, este estudo será sujeito a provas públicas; porém, informo que quaisquer dados expostos na apresentação serão devidamente tratados para a proteção dos elementos envolvidos.

Para autorizar a participação no estudo e a recolha dos registos audiovisuais, basta assinar a grelha apresentada na folha seguinte.

Muito Obrigada

Faro, 19 de Novembro de 2018

Assinatura da Estudante, Sofia Alexandra da Silva Dias: \_\_\_\_\_

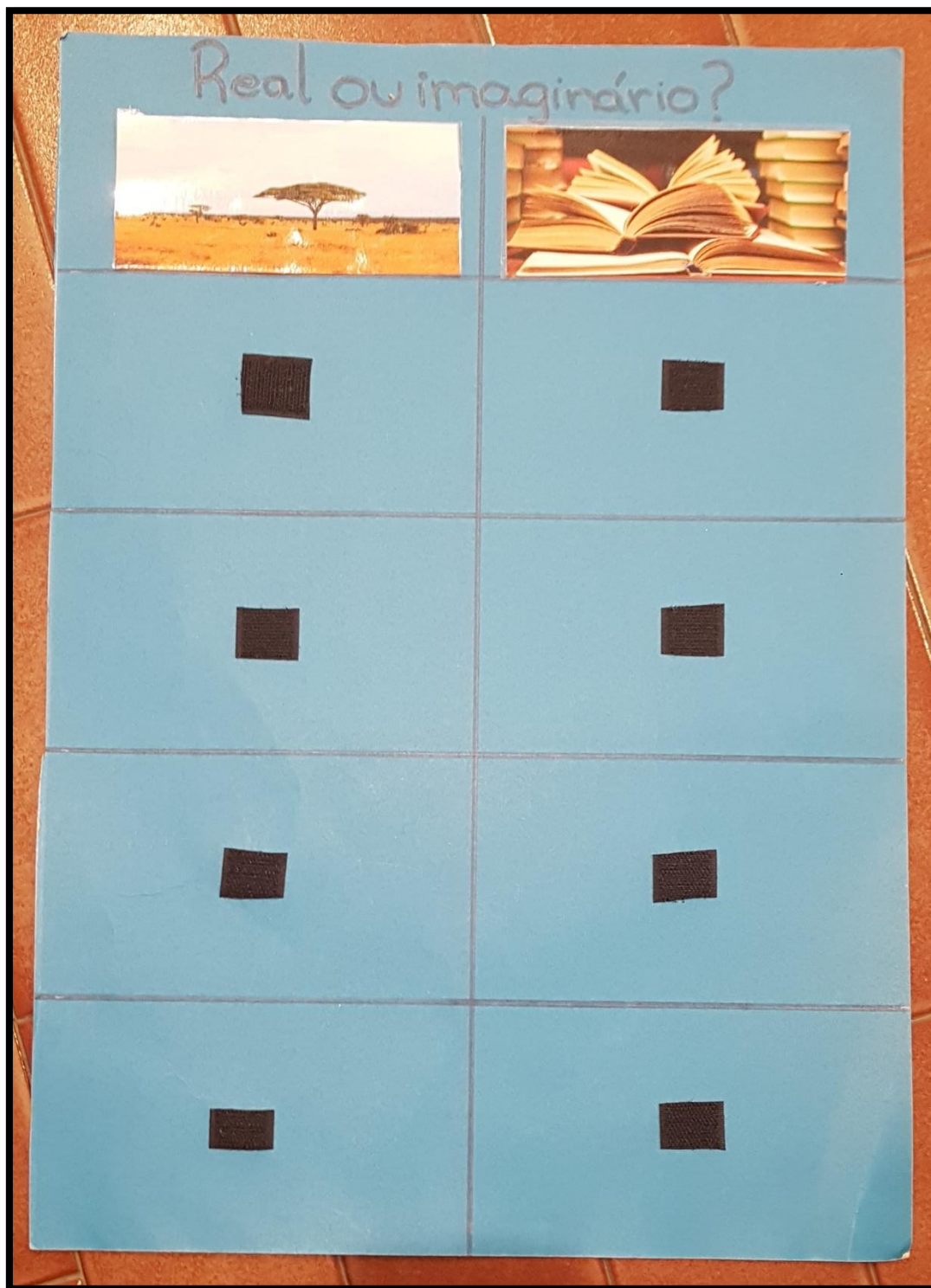
Assinatura da responsável de PES, Maria Helena Horta: \_\_\_\_\_

Assinatura da Orientadora do Relatório, Carla Dionísio Gonçalves: \_\_\_\_\_

Assinatura da Orientadora do Relatório, Olga Costa da Fonseca: \_\_\_\_\_

Assinatura da Educadora Cooperante: \_\_\_\_\_

**Apêndice B – Quadro de dupla entrada da atividade ‘O real e o imaginário’**



**Apêndice C – Sacos com as imagens utilizadas nas atividades ‘O real e o imaginário’ e ‘Jogo do Imaginário’**

Sacos das imagens da atividade ‘O real e o imaginário’



Sacos das imagens da atividade ‘Jogo do imaginário’



**Apêndice D – Imagens utilizadas na atividade ‘O real e o imaginário’  
baseada no livro *O Sr. Tigre torna-se selvagem***

Imagens de livros de literatura para a infância



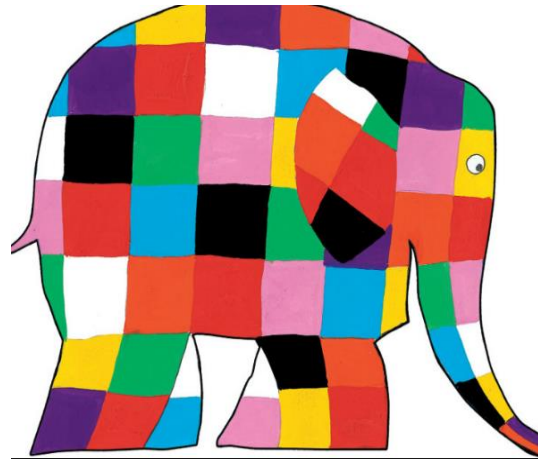
Imagens da situação que encontramos na realidade





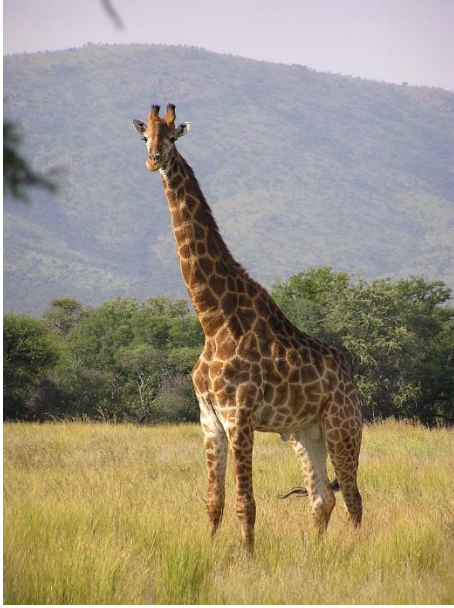
**Apêndice E – Imagens utilizadas na atividade ‘O real e o imaginário’  
baseada no livro *A que sabe a Lua?***

Imagens de livros de literatura para a infância



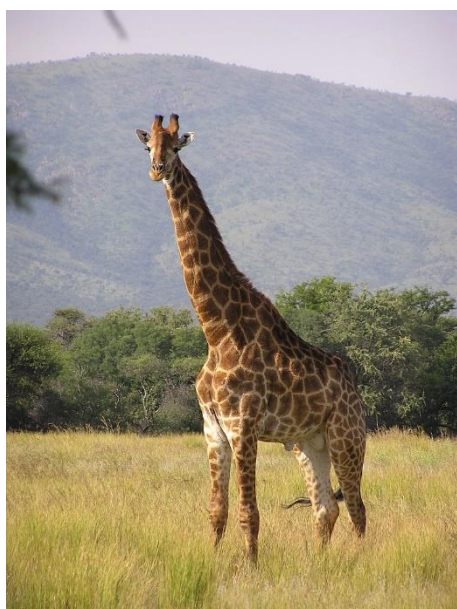
Imagens da situação que encontramos na realidade





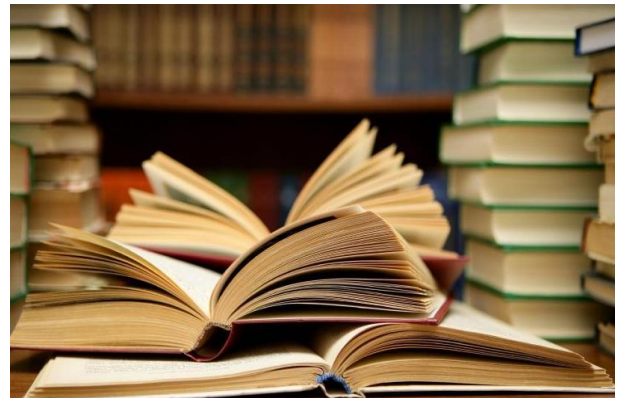
## Apêndice F – Imagens utilizadas na atividade ‘Jogo do Imaginário’

### Categoria dos Animais



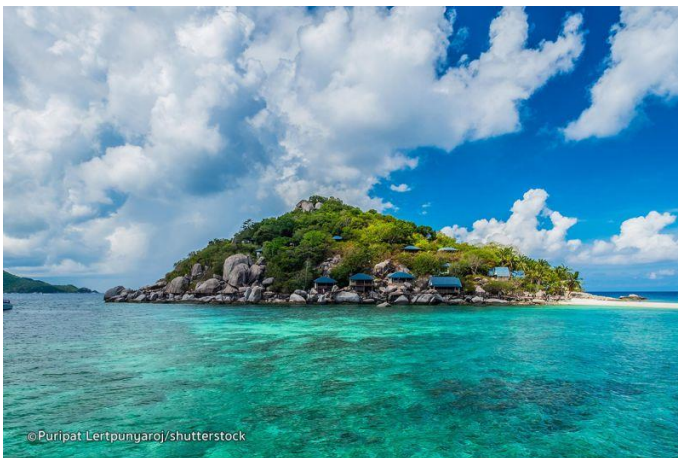


Categoria dos objetos





## Categoria dos locais





## **Apêndice G – Conversas em pequenos grupos da 1.<sup>a</sup> Fase: *O Sr. Tigre tornou-se selvagem***

➤ 1º grupo – Crianças A, B, C, D

**Investigadora:** Será que todos colocámos as imagens nos respetivos lugares?

**Criança D:** Eu fiz.

**Criança B:** A ‘Criança C’ não fez bem.

**Criança C:** Fiz, sim!

**Investigadora:** Então vamos observar o da ‘Criança C’.

**Criança D:** Este é daqui e este não é.

**Investigadora:** Porque que meteste este aqui? (Perguntou a Investigadora à Criança C)

**Criança C:** Porque eu queria.

**Investigadora:** Já repararam nestas fotografias? (Aponta para fotografias que retratavam imagens reais e outras imaginárias) Quais são as suas diferenças?

**Criança C:** Ele não sabe.

**Investigadora:** Então vamos ajudar o amigo.

**Criança D:** Estas são deste lado. (Aponta para a coluna referente ao real)

**Investigadora:** Vamos observar... Estas imagens estão de acordo com a nossa realidade? Ou seja, como se está a deslocar o urso desta imagem?

**Criança C:** Com as patas no chão.

**Investigadora:** Com as quatro patas no chão, muito bem. E o outro urso que temos aqui?

**Criança C:** Têm uma manta com uns óculos a ver um livro.

**Investigadora:** E os ursos fazem isso no seu dia a dia?

**Todas as crianças:** Não.

**Investigadora:** Então este urso é imaginário. E o outro urso é?

**Criança A:** Selvagem.

**Investigadora:** E este veado?

**Criança C:** Feliz.

**Investigadora:** Ele move-se com as quatro patas? Será que está vestido com uma manta como o urso?

**Todas as crianças:** Não, anda com as quatro patas.

**Investigadora:** E o outro veado que temos aqui?

**Todas as crianças:** Duas patas.

**Investigadora:** Ele tem apenas o seu pelo?

**Criança C:** Tem um casaco.

**Investigadora:** Este tigre é da savana ou dos livros de histórias?

**Todas as crianças:** Savana.

**Investigadora:** E o outro?

**Criança C:** De imaginar.

**Investigadora:** Muito bem! É do imaginário.

➤ 2º grupo – Crianças E, F, G, H

**Investigadora:** Vamos observar... Esta imagem é o real (aponta para a imagem da savana no topo do quadro de dupla entrada), ou seja, o que existe no nosso mundo e esta imagem ao lado é...?

**Criança F:** Livros.

**Investigadora:** Logo é o que existe nos livro de histórias, ou seja, na nossa imaginação. E no real, os animais deslocam-se com quantas patas?

**Criança G:** Quatro. Mas, há polvos que andam com oito patas. Os polvos não andam, nadam com oito.

**Investigadora:** Muito bem, sim, os polvos nadam com oito tentáculos. E os que andam com quatro patas, de que lado da nossa tabela devem ficar?

**Criança G:** Aqui (Aponta para a imagem dos livros – imaginário)

**Investigadora:** Esta imagem é ...? (Aponta para a imagem dos livros)

**Criança G:** Livros.

**Investigadora:** E nos livros de histórias, os animais deslocavam-se com quatro patas?

**Criança G:** Ah! Isto está mal! (Começa a corrigir)

**Investigadora:** Este urso desta imagem desloca-se com quatro patas ou com apenas duas?

**Criança F:** Quatro.

**Investigadora:** Ele tem roupa vestida ou apenas pelo?

**Todas as crianças:** Tem pelo.

**Criança G:** Mas nos bonecos ele tem blusa.

**Investigadora:** Então, podemos afirmar que este boneco é da nossa...?

**Criança F:** Imaginação.

**Investigadora:** Então é da coluna da imagem dos livros das histórias, não é?

**Todas as crianças:** Sim.

**Investigadora:** Quando se deslocam com as quatro patas no solo e têm apenas pelo, é de que coluna?

**Todas as crianças:** Real.

➤ 3º grupo – Crianças I, J, L, M

**Investigadora:** Vamos observar estas imagens. Esta (Aponta para a imagem da savana no topo do quadro de dupla entrada) representa o real e esta ao lado (Aponta para a imagem dos livros das histórias no topo do quadro de dupla entrada) representa a imaginação.

**Criança L:** Um Urso.

**Investigadora:** Ele descola-se com quatro patas ou apenas duas?

**Criança J:** Quatro.

**Investigadora:** Ele tem roupa vestida nesta imagem?

**Criança I:** Não.

**Criança M:** Olha, este tem!

**Investigadora:** Será que ele pertence à coluna do real com a roupa vestida?

**Criança J:** Não, estes são das histórias.

## **Apêndice H – Conversas em pequenos grupos da 2.<sup>a</sup> Fase: *A que sabe a Lua?***

➤ 1º grupo – Crianças E, F, P, R

**Investigadora:** Qual é o alimento do rato?

**Criança F:** Queijo.

**Investigadora:** Na história *A que sabe a Lua?* Ele conseguia tocar na Lua?

**Criança F:** Conseguia.

**Investigadora:** E na vida real, seria também capaz?

**Todas as crianças:** Não.

**Criança P:** Ele comia queijo.

**Criança E:** Sabias que se colocasses em cima de muitas pessoas conseguias comer a Lua?

**Investigadora:** Será que conseguia? Qual é o nome que se dá às pessoas que viajam até ao espaço? Neste caso, à Lua?

**Criança F:** Astronautas.

**Investigadora:** E como é que os astronautas se deslocam até a Lua?

**Criança R:** Foguetões.

**Criança F:** Capacetes e roupas especiais.

**Investigadora:** Muito bem! E este elefante desta imagem é real ou da nossa imaginação?

**Criança F/Criança R:** Imaginação.

**Investigadora:** Porquê?

**Criança F:** Porque está todo pintado.

**Investigadora:** E este elefante?

**Criança F:** É castanho.

**Investigadora:** Muito bem e será real ou imaginário?

**Todas as crianças:** Real.

**Investigadora:** Vamos observar... O elefante representado na imagem da nossa imaginação está cheio de cores e o real, como a 'Criança F' disse, é castanho. Quais são as outras diferenças?

**Criança F:** Este tem dentes e o outro não tem.

**Investigadora:** E o pelo desta girafa é de que cor?

**Criança E:** A girafa é azul e amarela.

**Criança P:** Sim, nós já ouvimos essa história.

**Investigadora:** Então será que esta girafa é real?

**Criança E:** Não.

**Investigadora:** Porquê?

**Criança F:** Porque é da nossa imaginação. Não existem girafas azuis.

➤ 2º grupo – Crianças B, C, D, Q

**Investigadora:** Recordam-se do vídeo que visualizámos sobre o tigre?

**Todas as crianças:** Sim.

**Investigadora:** No fim do vídeo, o tigre estava a tentar apanhar um animal na savana. Lembram-se de que animal era?

**Criança Q:** Gazelas.

**Investigadora:** Então, o que será que os tigres comem quando têm fome?

**Criança C:** Os animais.

**Investigadora:** Vamos observar esta imagem (Aponta para a imagem do leão em cima das costas da zebra). Será que era possível na nossa realidade um leão subir para cima das costas da zebra, ou tentava alimentar-se dela?

**Criança C:** Ele comia a cauda dela.

**Investigadora:** Muito bem. Então na vida real o leão comia a zebra para se alimentar.

**Criança Q:** Ele é parvo.

**Investigadora:** Será que vocês reconhecem esta girafa?

**Criança C:** Lembro-me, é daquela história.

**Investigadora:** Será que na vida real existem girafa azuis?

**Criança C:** Com pescoços compridos.

**Investigadora:** E mais?

**Criança D:** Muito grandes.

**Investigadora:** E as girafas deslocam-se com quantas patas?

**Criança C:** Com quatro.

**Criança B:** Uma, duas, três, quatro. Quatro patas.

**Investigadora:** E esta girafa está vestida com roupa ou é azul como a da nossa história?

**Todas as crianças:** Não.

**Investigadora:** Logo, esta girafa é imaginária ou real?

**Criança C:** Esta é de inventar.

**Investigadora:** Correto. E por norma, quais são as cores do pelo dela na vida real?

**Criança C:** Branca, castanha e mais nada.

**Investigadora:** E este elefante todo pintado de várias cores, será imaginário ou real?

**Criança C:** Para inventar.

**Investigadora:** Muito bem. Ou seja, é imaginário.

**Investigadora:** ‘Criança B’, tu disseste-me qual era o teu elefante real. Esse elefante que me mostraste está pintado de várias cores?

**Criança B:** Não.

**Investigadora:** Qual é a cor do elefante real?

**Criança B:** Cinzento.

**Criança Q:** Cinzento e à frente tem umas coisas brancas.

**Investigadora:** Muito bem. E já repararam no nariz do elefante?

**Criança C:** É uma tromba.

**Criança D:** E tem chifres aqui.

**Investigadora:** Boa, o elefante tem dois chifres na cara.

**Criança C:** Ele tem dois cifres para se defenderem.

**Investigadora:** E defenderem do quê, sabem?

**Criança C:** Dos tigres.

**Investigadora:** E a tromba para será que serve?

**Criança C:** Para beber água.

**Criança Q:** Nós, as pessoas, quando vamos beber água usamos um copo e bebemos assim (Faz o gesto de beber água).

**Investigadora:** Muito bem.

➤ 3º grupo – Crianças A, I, J, M, U

**Investigadora:** Vamos observar... No nosso quadro tínhamos duas imagens já coladas na parte superior, a primeira era a ...?

**Criança A:** A savana.

**Investigadora:** E quais são os animais que vivem na savana?

**Criança A:** Ratos, tigres, elefantes e zebras.

**Investigadora:** Muito bem! Logo vamos colocar nesta coluna os animais reais, que existem na nossa realidade. Por exemplo, quando aparece um rato na nossa casa ou no nosso quintal, o rato é parecido com qual dos nossos dois ratos?

**Criança J:** Este (Aponta para a imagem correta).

**Criança A:** Eu nunca vi um ratinho na minha casa, só coelhos e são fofinhos.

**Investigadora:** Vamos recordar-nos. Lembram-se do vídeo que visualizámos sobre o tigre?

**Todas as crianças:** Sim.

**Investigadora:** Lembram-se de que o tigre estava a tentar alimentar-se de um animal? Qual era esse animal, sabem?

**Criança J:** Ele estava a tentar comer veados.

**Investigadora:** Neste caso, eram gazelas. Nesta imagem que temos aqui está uma leoa. O que será que ela está a tentar fazer?

**Criança A:** Está a tentar atacar a zebra e conseguiu, porque está a morder a cauda dela.

**Investigadora:** Muito bem! Então, será que na vida real o leão se colocava em cima das costas da zebra ou tentava comê-la?

**Criança A:** Comia a zebra.

**Investigadora:** E este rato alimenta-se de quê?

**Todas as crianças:** Queijo.

**Investigadora:** E este rato está a tentar comer o quê?

**Criança U:** Lua.

**Investigadora:** Será que na vida real o rato era capaz de comer a Lua?

**Criança M:** Não.

**Criança A:** Sim.

**Investigadora:** O rato apenas conseguiu comer a Lua na história, ou seja, na nossa imaginação. Será que o rato, na vida real, conseguia tocar na Lua e comê-la?

**Criança A:** Sim.

**Investigadora:** Como será que ele conseguia chegar à Lua?

**Criança A:** Em cima das costas.

**Criança J:** Não, porque ninguém queria um rato em cima das costas, porque eles são nojentos.

**Criança A:** Os ratos são lindos.

**Investigadora:** Tenho uma pergunta difícil. Existem pessoas que vão à Lua, como é que eles se chamam?

**Criança A:** Ratos, ratos da Lua.

**Criança J:** Astronautas.

**Investigadora:** E os astronautas precisam de um meio de transporte para ir à Lua, qual é?

**Criança M:** Foguetão.

**Criança J:** E usam capacetes.

**Criança A:** E também usam fatos especiais.

**Investigadora:** Muito bem.

➤ 4º grupo – Crianças H, I, O, V

**Investigadora:** Vamos pensar, nesta coluna do real. Temos de colocar os animais...?

**Criança H:** Da savana.

**Investigadora:** Então, são animais reais que vivem na nossa realidade. E nesta coluna do imaginário, quais são os animais que colocaríamos?

**Criança I:** Estes, porque são das histórias.

**Investigadora:** ‘Criança V’. será que existem girafas azuis na nossa realidade?

**Criança V:** Não, só nas histórias.

**Investigadora:** E a outra girafa que temos na outra imagem, é imaginária ou real?

**Criança O:** É real.

**Investigadora:** Quais são as características dessa girafa? Estará vestida?

**Criança I:** Não está vestida.

**Investigadora:** E o pescoço da girafa é curto ou longo?

**Criança V:** Grande, muito grande.

**Investigadora:** E o seu pelo é de que cor?

**Criança H:** É branca e castanha.

**Investigadora:** E o rato que temos nesta imagem é real ou imaginário?

**Criança V:** É real. Está a comer um queijo.

**Investigadora:** Sim, os ratos, por norma, gostam de comer queijo. E o nosso rato da história estava a tentar comer o quê?

**Criança O:** A Lua.

**Investigadora:** Será que o rato do real conseguia comer a Lua se quisesse?

**Criança V:** Não.

**Investigadora:** Muito bem.

➤ 5º grupo – Crianças L, N, S, T, X

**Investigadora:** Vamos observar... No nosso quadro tínhamos duas imagens já coladas na parte superior, a primeira é do ...?

**Criança L:** Reais.

**Investigadora:** E na segunda imagem, é o ...?

**Criança S:** Os livros.

**Investigadora:** Vamos observar este rato que está a comer a Lua. Onde será que vamos colocá-lo?

**Criança L:** Nos livros.

**Investigadora:** Será que um rato real é capaz de comer a Lua?

**Criança N:** Não.

**Investigadora:** O que é que ele está a comer nesta imagem?

**Criança T:** Queijo.

**Investigadora:** E este elefante, cheio de cores, será real ou imaginário?

**Criança N:** Nos livros.

**Investigadora:** E na vida real, os elefantes são de que cor?

**Criança S:** Cinzentos e castanhos.

**Investigadora:** E os elefantes têm uma tromba para...?

**Criança L:** Cuspir a água.

**Investigadora:** Vamos pensar nesta imagem. O leão está em cima da zebra. Se fosse na nossa realidade, o leão subia para as costas da zebra ou tentava comê-la?

**Criança T:** Comia a zebra.

**Investigadora:** E o rato, era capaz de comer a Lua se quisesse?

**Criança X:** Sim.

**Investigadora:** Será que um rato real, estando no chão conseguia tocar na Lua se quisesse? Não seria muito pequeno?

**Criança X:** Precisa de ajuda.

**Investigadora:** Vamos pensar... Sabem como se chamam as pessoas que se deslocam até à Lua?

**Criança L:** 'Astronomas'.

**Investigadora:** É parecido, chamam-se astronautas. E o que será que usam para se deslocar até a Lua? Será que vão de carro?

**Criança L:** Foguete.

**Investigadora:** Para se deslocar até a Lua, eles usam um foguetão. E têm de levar vestido um capacete e um fato espacial para respirar, pois na Lua não existe oxigénio.

## **Apêndice I – Conversas em grande grupo sobre os documentários “Tigres” e “Primeira viagem à Lua”**

### ➤ Documentário “Tigres”

**Investigadora:** No vídeo que nós visualizamos agora, quais eram os animais que apareceram em primeiro lugar, recordam-se?

**Criança F:** Macacos, veados, ...

**Criança Q:** Passarinhos.

**Investigadora:** Muito bem! E apareceu uma gruta, o que é que estava lá escondido?

**Criança I:** Um tigre e tinha bebês com ele.

**Investigadora:** Recordam-se de qual era a cor do pelo do tigre?

**Criança B:** Branco, laranja e preto.

**Investigadora:** E ele deslocava-se com quantas patas? Duas ou Quatro?

**Criança H:** Quatro patas.

**Investigadora:** Pois, não estava vestido com roupa como o tigre da nossa história. E do que é que os tigres precisavam para sobreviver, recordam-se?

**Criança I:** Água e ervas para se esconderem.

**Investigadora:** Muito bem. Água doce para beber, ervas para se esconderem e caçar outros animais para se alimentarem. Quais eram os animais que eles estavam a perseguir?

**Criança G:** Veados.

**Investigadora:** São parecidos, mas os animais do vídeo eram gazelas. Porque será que o tigre estava atrás das gazelas?

**Criança Q:** Para brincarem.

**Criança O:** Sim, eles queriam brincar todos juntos.

**Investigadora:** Na vida real, o tigre quer caçar as gazelas, porque eles se alimentam de gazelas, zebras e de outros animais, ou seja, são carnívoros, comem carne. Podemos, assim, dizer que quando ouvimos uma história em que os animais estejam vestidos, a falar ou a deslocarem-se de uma forma diferente, quer dizer que são imaginários, ou seja, são produtos da nossa imaginação.

➤ Documentário “A primeira viagem à Lua”

**Investigadora:** No vídeo que visualizámos agora, o que é que estava retratado?

**Criança I:** A viagem à Lua.

**Criança F:** A primeira viagem.

**Investigadora:** Muito bem. Será que a Lua era um lugar perto ou muito longe do nosso planeta Terra?

**Criança H:** Muito longe.

**Investigadora:** Será que se nos colocássemos nas costas uns dos outros, conseguíamos chegar à Lua como o rato da nossa história?

**Criança D:** Não, não conseguíamos.

**Investigadora:** Então, como será que podíamos ir visitar a Lua? No vídeo que vimos agora, como é que eles foram até à Lua?

**Criança B:** Foguete.

**Investigadora:** No foguetão. E lembram-se de quantas pessoas foram nesse foguetão?

**Criança C:** Três homens com capacetes.

**Investigadora:** Muito bem! Eles iam vestidos como?

**Criança G:** Com capacetes e fatos espaciais.

**Investigadora:** Porque na Lua não conseguiam respirar como nós aqui no planeta Terra. Lá não existe oxigénio. Lembra-se de quantos dias eles demoraram a chegar à Lua?

**Todas as crianças:** Quatro.

**Investigadora:** E quando chegaram à Lua, eles tiraram uma fotografia ao quê? Lembra-se?

**Criança A:** À Terra.

**Investigadora:** Ao nosso planeta Terra. Mais propriamente ao nascer do sol. Será que eles comeram a Lua como o nosso rato enquanto estiveram lá?

**Criança I:** Não.

**Investigadora:** Porquê? Sabes?

**Criança I:** Porque a Lua não se come.

**Investigadora:** Pois não. Porque a Lua não é um alimento. Não é feita de queijo como na nossa história *A que sabe a Lua?* e não podemos tocar-lhe se nos colocássemos nas costas dos nossos amigos, porque é muito longe e precisamos de um foguetão e roupas espaciais para lá chegarmos e conseguirmos respirar.

## Apêndice J – Atividade ‘Jogo do imaginário’

### ➤ Criança A

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança A:** (tira a carta da girafa) A Rita e era uma girafa.

**Investigadora:** E mais?

**Criança A:** (tira a carta da bola) E tinha uma bola.

**Investigadora:** E ela joga à bola?

**Criança A:** (tira a carta da ilha) Na praia.

**Investigadora:** Com quem?

**Criança A:** (tira a carta do rinoceronte) Rinoceronte.

**Investigadora:** Como é que ele se chamava?

**Criança A:** Sara Cunha.

**Investigadora:** Então ela jogava à bola na praia. E o que faziam mais na praia?

**Criança A:** (tira a carta da consola de jogos) Jogava o jogo da Elsa.

**Investigadora:** E depois disso?

**Criança A:** Fazia castelos de areia e chamaram outro amigo.

**Investigadora:** Qual era o nome dele?

**Criança A:** (tira a carta da gazela) Era a gazela chamada Henrique.

**Investigadora:** Brincavam na praia?

**Criança A:** (tira a carta da floresta) E depois foram para a floresta.

**Investigadora:** E o que eles fizeram os três na floresta?

**Criança A:** Estavam a passear e depois encontraram flores.

**Investigadora:** E as flores cheiravam bem?

**Criança A:** Sim!

**Investigadora:** E o que aconteceu a seguir?

**Criança A:** (tira a carta do casaco, do chapéu e da zebra) E depois tinham um casaco. Eles fugiram e depois chamaram o elefante chamado João. O João encontrou outra coisa e era um chapéu. Depois foram a uma ilha e a ilha tinha água à volta e areia aqui. Depois chamaram outro animal, era uma zebra chamada Inês.

**Investigadora:** E o que eles fizeram na ilha?

**Criança A:** (tira a carta dos livros e do parque) Depois a Inês encontrou uma coisa na ilha, eram livros. E depois eles foram para o parque.

**Investigadora:** E brincaram todos juntos no parque?

**Criança A:** (tira a carta do tigre, da guitarra, da Lua e do rato) Sim, e depois chamaram outro animal, era o tigre chamado Sofia. E o tigre encontrou uma guitarra e depois foram todos para a Lua. E depois chamaram outro animal, era um rato.

**Investigadora:** Como se chamava o rato?

**Criança A:** Eu.

**Investigadora:** ‘Criança A’, era isso?

**Criança A:** (tira a carta dos óculos) Sim! E depois o rato encontrou uns óculos.

**Investigadora:** E depois o que eles fizeram todos com os óculos?

**Criança A:** (tira a carta do castelo, do urso, do leão, do telefone, da mala e do relógio) Usou para o sol vir. E depois foram para o castelo e foram brincar. Chamaram mais dois animais, um urso chamado Luís e o leão chamado Rafaela. E depois o leão encontrou um telefone, o urso encontrou uma mala e depois todos os animais encontraram um relógio.

**Investigadora:** E depois?

**Criança A:** Voltaram para a praia para fazer castelos de areia. Todos os amigos foram para a praia e foram para aqui e para ali mil vezes.

➤ Criança B

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança B:** (tira a carta do elefante) O elefante.

**Investigadora:** Como se chamava o teu elefante?

**Criança B:** Enzo.

**Investigadora:** Será que ele levava algo com ele?

**Criança B:** (tira a carta da mala) Uma mala.

**Investigadora:** Muito bem!

**Criança B:** (tira a carta da praia) E vivia na praia.

**Investigadora:** Será que ele vivia sozinho na praia?

**Criança B:** (tira a carta do tigre) Vivia com o tigre.

**Investigadora:** E qual era o nome do tigre?

**Criança B:** Xavier.

**Investigadora:** Muito bem. Então, era uma vez um elefante chamando Enzo que tinha uma mala e vivia numa praia com o seu amigo tigre Xavier. O que será que eles faziam os dois para se divertir na praia?

**Criança B:** Faziam castelos, bolos e brincavam à bola.

**Investigadora:** Será que lá nessa praia havia bolinhas de Berlim?

**Criança B:** Não.

**Investigadora:** Que pena! E davam mergulhos?

**Criança B:** Sim, muitos! Depois foram aos bares e voltaram para casa.

**Investigadora:** Voltaram para a praia?

**Criança B:** Sim, foram ao parque.

**Investigadora:** Que divertido, a praia tinha um parque.

**Criança B:** Sim!

**Investigadora:** E o que o elefante levava na mala?

**Criança B:** Levava a praia para não perder a casa.

**Investigadora:** E o que será que eles brincaram no parque, como disseste?

**Criança B:** Brincaram à bola, nos escorregas e nos baloiços.

**Investigadora:** Será que eles gostavam de rebolar na relva?

**Criança B:** Sim e estava quentinha.

**Investigadora:** E o que aconteceu mais?

**Criança B:** Andaram de escorrega, baloiços, depois no cavalo e foram para casa.

➤ Criança C

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança C:** (tira a carta da zebra) Zebra.

**Investigadora:** E o que ela fazia?

**Criança C:** (tira a carta do elefante) Brincava com o elefante.

**Investigadora:** E como brincavam?

**Criança C:** (tira a carta da bola) À bola.

**Investigadora:** Onde é que eles brincavam à bola?

**Criança C:** De noite.

**Investigadora:** E depois?

**Criança C:** (tira a carta do rato) Depois veio o rato.

**Investigadora:** Veio brincar à noite, também?

**Criança C:** Sim e depois foi para a cama.

**Investigadora:** Foi para a cama?

**Criança C:** Sim, o buraco dele era ao lado da bola. Aqui.

**Investigadora:** Então e o que a zebra e o elefante ficaram a fazer?

**Criança C:** Ficaram cansados. Foram tirar a bola dali e foram ver uma casinha, onde o elefante e a zebra não cabiam porque o buraco era assim, muito pequeno.

**Investigadora:** E depois?

**Criança C:** Depois, a pata do elefante não cabia lá, apenas a pata da zebra que era muito pequena.

**Investigadora:** E o que aconteceu a seguir?

**Criança C:** O rato sentiu uma coisa e saiu e disse “O que é que estão a fazer aí?”

**Investigadora:** E o que eles estavam a fazer ali?

**Criança C:** A jogar a bola e estavam cansados. E o ratinho fez um buraco mais grande assim, para caber o elefante e a zebra. Depois chegou a manhã, e foram todos brincar à bola.

**Investigadora:** E ficaram todos amigos?

**Criança C:** Sim, e o ratinho disse assim “Querem comer um bocadinho de queijo?”. O elefante disse “Eu não quero” e a zebra disse “Sim, eu quero”. Porque o elefante não come queijo, não cabe aqui.

**Investigadora:** (tira a carta da ilha) E depois?

**Criança C:** Depois foram beber água na casinha do ratinho. E o ratinho pôs uma tigela, uma tigela e outra tigela. Três tigelas. E depois saíram da casa dele e foram à praia. E lá estava a senhora girafa e depois estavam a brincar todos juntos.

**Investigadora:** À bola?

**Criança C:** Sim.

**Investigadora:** E o que eles fizeram mais na praia?

**Criança C:** (tira a carta do casaco) Brincaram mais na praia com um casaco aos fantasmas. Primeiro foi a girafa.

**Investigadora:** O que ela fez com o casaco?

**Criança C:** Fez ururu (imitar um fantasma com os braços). Depois foi o ratinho.

**Investigadora:** O que o ratinho fez?

**Criança C:** Quiquuu (imitar o ratinho).

**Investigadora:** E o elefante?

**Criança C:** Tutu (imitar um elefante).

**Investigadora:** E a zebra?

**Criança C:** Tata tutu.

**Investigadora:** E depois o que eles fizeram mais?

**Criança C:** Depois foram para a casa deles.

**Investigadora:** E o que foram fazer? Dormir?

**Criança C:** Sim, foram dormir e depois apareceu a Lua.

**Investigadora:** Apareceu a Lua e o que eles fizeram?

**Criança C:** A Lua estava a descer e a ilha subiu, estavam a subir e a descer. A brincar as duas. Depois, eles estavam a ver aquilo assim, aquilo assim, e não conseguiam dormir.

**Investigadora:** E depois?

**Criança C:** Decidiram sair de casa do ratinho. O ratinho fez a porta mais grande para a girafa caber, que o pescoço dela é muito comprido.

**Investigadora:** E conseguiram deixar-se dormir?

**Criança C:** Não, depois disse assim “Ó Lua e ilha, podes fazer mais pouco barulho? Podem dormir na nossa casa, mais longe ou brincar mais longe? Não ao pé da nossa casa!”

**Investigadora:** E depois o que aconteceu?

**Criança C:** (tira carta do tigre) E depois apareceu um tigre a dizer “O que se passa aí?”. A girafa contou: “A Lua e a ilha não deixam dormir”. E o tigre disse “Eu faço uma sombrinha assim”. Depois, o tigre disse “Ó girafa podem fazer uma roda? E dormirem na roda que eu depois faço uma tenda?”. Depois foram todos para a tenda, uma tenda assim muito grande e muito alta, com o telhado muito alto para a girafa caber. Depois fecharam com o fecho e dormiram todos.

➤ Criança D

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança D:** (tira a carta da gazela) Gazela.

**Investigadora:** Como se chamava a tua gazela?

**Criança D:** Girafa.

**Investigadora:** O que é que ela tinha?

**Criança D:** (tira a carta do livro) Um livro.

**Investigadora:** Qual era a história do livro dela, sabes?

**Criança D:** Era de bonecos.

**Investigadora:** E onde é que a Girafa vivia?

**Criança D:** (tira a carta da floresta) Na floresta.

**Investigadora:** E ela vivia sozinha na floresta ou tinha mais animais?

**Criança D:** (tira a carta do elefante) Não, vivia com amigos! Um elefante.

**Investigadora:** Como se chamava o elefante?

**Criança D:** Chamava-se Urso.

**Investigadora:** O que será que eles faziam os dois juntos na floresta?

**Criança D:** Não sei.

**Investigadora:** Será que eles brincavam os dois juntos?

**Criança D:** Sim!

**Investigadora:** Quais era, os jogos que eles faziam?

**Criança D:** (tira a carta da bola) À bola.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança D:** Brincavam com os amigos à bola e à apanhada.

**Investigadora:** O que será que eles viram na floresta?

**Criança D:** Árvores e flores.

**Investigadora:** E quem lia as histórias?

**Criança D:** (tira a carta do casaco) A Girafa e tinha um casaco e foram passear.

**Investigadora:** Onde?

**Criança D:** (tira a carta da Lua) À Lua!

**Investigadora:** E os dois amigos, que fizeram na Lua?

**Criança D:** (tira a carta do urso) Tocaram na Lua e chamaram um amigo, o Urso.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança D:** (tira a carta do rinoceronte, da girafa, da zebra, do rato, do tigre e do leão) E chamaram mais amigos para tocar na Lua: o rinoceronte, a girafa, a zebra, o rato, o tigre e o leão.

**Investigadora:** E assim eles tocaram na Lua?

**Criança D:** Não! Foram dormir.

➤ Criança E

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança E:** (tira a carta do elefante) Um elefante chamado Mariana.

**Investigadora:** E o que ele tinha?

**Criança E:** Uma tromba.

**Investigadora:** E mais?

**Criança E:** (tira a carta do telefone) E tinha um telefone.

**Investigadora:** O que será que ele fazia com o telefone?

**Criança E:** Ouvia música.

**Investigadora:** E ele vivia onde?

**Criança E:** (tira a carta do parque) No parque.

**Investigadora:** O que ele fazia mais no parque?

**Criança E:** Brincava no escorrega e nos baloiços.

**Investigadora:** Sozinho ou tinha amigos que iam brincar com ele?

**Criança E:** (tira a carta do ratinho) Tinha um amigo, o ratinho que se chamava Sofia.

**Investigadora:** E mais?

**Criança E:** (tira a carta do castelo) E o ratinho morava no castelo.

**Investigadora:** E o que eles faziam juntos?

**Criança E:** (tira a carta da ilha) Foram à praia. E viram uma coisa.

**Investigadora:** O quê?

**Criança E:** (tira a carta da consola) Uma coisa para jogarem.

**Investigadora:** E o que eles fizeram com a consola de jogos?

**Criança E:** Jogaram aos bonecos da *Ladybug*.

**Investigadora:** E depois?

**Criança E:** (tira a carta do casaco) Vestiram, o casaco.

**Investigadora:** Porque estava frio lá?

**Criança E:** E o ratinho vestiu outra coisa.

**Investigadora:** O quê?

**Criança E:** (tira a carta dos óculos) Uns óculos.

**Investigadora:** E o que eles fizeram na praia?

**Criança E:** Apanhar sol e a jogar.

**Investigadora:** Numa consola de jogos. E depois?

**Criança E:** (tira a carta do chapéu) E foram a casa buscar o chapéu.

**Investigadora:** Foram? Estava calor na praia?

**Criança E:** Sim.

**Investigadora:** E depois o que eles fizeram mais na praia?

**Criança E:** (tira a carta da floresta) Foram à floresta.

**Investigadora:** Fazer o quê?

**Criança E:** Passear.

**Investigadora:** E mais?

**Criança E:** (tira a carta da guitarra) E tocar guitarra.

**Investigadora:** Quem será que tocou a guitarra? O elefante Mariana ou o ratinho Sofia?

**Criança E:** O ratinho Sofia.

**Investigadora:** E ele sabia tocar muitas músicas?

**Criança E:** Sim, que era os anos dele. E eram na praia.

**Investigadora:** E voltaram de novo para a praia? E o que eles foram lá fazer de novo?

**Criança E:** Foram dar mergulhos.

**Investigadora:** E depois?

**Criança E:** Foram para casa.

➤ Criança F

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança F:** (tira a carta do tigre, do telefone e da girafa) Era uma vez um senhor tigre chamado Henrique que tinha um telefone que ele ligou à senhora girafa chamada Rebeca.

**Investigadora:** E o que eles faziam?

**Criança F:** (tira a carta da bola) Jogavam à bola.

**Investigadora:** Onde?

**Criança F:** (tira a carta do castelo) No castelo, no campo de futebol.

**Investigadora:** E depois?

**Criança F:** (tira a carta da zebra) E depois chamaram a senhora zebra que chamava Leoparda.

**Investigadora:** E o que ela usava?

**Criança F:** (tira a carta do relógio) Relógio.

**Investigadora:** O que será que eles fizeram os três?

**Criança F:** À bola, porque só tinha um guarda-redes. Precisavam de mais um amigo.

**Investigadora:** Quem era?

**Criança F:** (tira a carta rinoceronte) O Joaquim.

**Investigadora:** E o que eles fizeram?

**Criança F:** Jogavam à bola, mas agora precisavam de um árbitro, mas agora precisamos de 3.

**Investigadora:** Três árbitros? Quem seriam?

**Criança F:** (tira a carta do elefante, da gazela e do urso) O senhor elefante, o senhor veado e o senhor urso.

**Investigadora:** E depois?

**Criança F:** Jogaram à bola todos juntos, menos os árbitros. Agora precisamos de cartões para jogar, dois vermelhos e amarelos.

**Investigadora:** E não foram passear?

**Criança F:** (tira a carta da Lua) Sim, no intervalo foram passear à Lua. E depois chegou a hora do jogo.

**Investigadora:** E depois voltaram para o castelo para jogar mais?

**Criança F:** Sim, foram jogar mais um bocadinho. Jogaram mais a segunda parte, aqui era o Sporting contra o Real Madrid.

**Investigadora:** E quem ganhou o jogo?

**Criança F:** E depois acabou o jogo e o Real Madrid ganhou, seis a zero.

**Investigadora:** E depois?

**Criança F:** Chamaram um amigo imaginário.

**Investigadora:** E como se chamava?

**Criança F:** Boris.

**Investigadora:** E era um animal? Objeto?

**Criança F:** (tira a carta da guitarra) Era uma viola.

**Investigadora:** E o que é que o amigo Boris fazia?

**Criança F:** Tocava música para eles.

**Investigadora:** E depois o que eles fizeram? Dançaram?

**Criança F:** Sim, mas depois chamaram outro amigo imaginário para jogar o Benfica contra o Nacional, e o Benfica estava a ganhar até ao intervalo, cinco a zero. E depois na segunda parte marcou sete e depois dez e o Nacional não marcou nenhum golo.

**Investigadora:** E o que aconteceu a seguir?

**Criança F:** E depois acabou o jogo e eles disseram “Vamos almoçar?”

**Investigadora:** O que eles almoçaram?

**Criança F:** Comeram arroz com peixe.

**Investigadora:** Depois do almoço, o que eles fizeram todos juntos?

**Criança F:** (tira a carta da ilha) Almoçaram e foram à ilha passear à volta da ilha.

**Investigadora:** Apanhar banhos de sol?

**Criança F:** (tira a carta do chapéu) Sim e apanharam o rádio e chamaram um chapéu. E foram para casa jogar na casa deles.

➤ Criança G

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança G:** (tira a carta do rinoceronte) Um rinoceronte.

**Investigadora:** Qual era o nome dele?

**Criança G:** Rinoceronte.

**Investigadora:** Onde é que ele vivia?

**Criança G:** Na relva, mas aqui falta aqueles pauzinhos.

**Investigadora:** O que é que ele fazia na relva?

**Criança G:** Estava a andar e depois comia palha.

**Investigadora:** Muito bem. E só fazia isso?

**Criança G:** (tira a carta da bola) Jogava à bola.

**Investigadora:** Jogava à bola sozinho ou com mais alguém?

**Criança G:** (tira a carta da gazela, rato e zebra) Brincava com os amigos: o veado, ratinho e a zebra. E balizas.

**Investigadora:** E tinham balizas?

**Criança G:** Sei lá, se calhar esta parte está a tapar as balizas.

**Investigadora:** Talvez, mas podemos imaginar que havia balizas.

**Criança G:** (tira a carta do telefone) Esta bola é do real. E eles usavam o telefone para ligar aos amigos.

**Investigadora:** Quais eram os amigos?

**Criança G:** (tira a carta do elefante e do leão) Ligaram ao elefante para vir jogar com eles. E ligaram ainda ao leão. 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

**Investigadora:** Estavam sete amigos a jogar à bola.

**Criança G:** Se convidarem mais um amigo, já ficam oito.

**Investigadora:** Quais eram as equipas?

**Criança G:** O veado era do ratinho, o ratinho era da zebra e o ratinho era do rinoceronte. E o elefante era do leão.

**Investigadora:** E depois foram onde?

**Criança G:** (tira a carta da floresta) Foram jogar à bola na floresta. Acho que na floresta tinham balizas.

**Investigadora:** E o que será que fizeram mais todos juntos na floresta?

**Criança G:** (tira a carta dos livros) Jogar à bola nos livros?

**Investigadora:** Hum, não será que leram livros na floresta?

**Criança G:** Sim, com a bola debaixo do braço conseguem ler os livros.

**Investigadora:** E quais foram as histórias que eles leram?

**Criança G:** (tira a carta do urso) Um urso a jogar à bola. Diz um animal que podia telefonar a um urso?

**Investigadora:** O leão podia telefonar ao urso.

**Criança G:** Sim, então o leão telefonava ao urso.

**Investigadora:** O que o leão dizia ao urso?

**Criança G:** “Queres vir jogar à bola” e o urso respondeu “Acho que sim, pode ser”.

**Investigadora:** E depois?

**Criança G:** Foram ler livros. Mas, o urso não podia ir porque era muito grande. Sabes quem era o mais velho do que o urso?

**Investigadora:** Quem era?

**Criança G:** Era o leão, rinoceronte e elefante.

**Investigadora:** Então eram eles que liam os livros?

**Criança G:** (tira a carta da Lua) Sim, um livro da Lua.

**Investigadora:** Lembraste do livro da Lua? Será que eles queriam comer a Lua também?

**Criança G:** Sim, o ratinho estava quase, só faltava um animalzinho pequenino.

**Investigadora:** Será que eles fizeram o mesmo que na história que lemos?

**Criança G:** Sim.

**Investigadora:** Será que eles também conseguiram comer a Lua?

**Criança G:** Sim, só que o ratinho não podia ir com o queijo. Tinha de dar a alguém para guardar.

**Investigadora:** Hum, à zebra?

**Criança G:** Sim. E depois subiu para comer a Lua.

**Investigadora:** Será que ele deu a provar aos amigos?

**Criança G:** Eu acho que ele não queria comer a Lua, queria tocar na Lua, mas comeu a Lua. Porque tinha o queijo no bolso, se ele tivesse um bolso.

**Investigadora:** Pois, tens razão.

**Criança G:** Mas, se calhar o queijo saltava.

**Investigadora:** Saltava?

**Criança G:** Sim, saía do bolso.

**Investigadora:** E depois? Ele devia de ter de ir à procura?

**Criança G:** Mas, depois ele devia estar cansado. Encontrou na floresta.

**Investigadora:** Encontrou o queijo na floresta?

**Criança G:** Sim, estava neste buraco aqui. Só que estava lá o mau.

**Investigadora:** E depois?

**Criança G:** Depois ele caiu lá para dentro e o mau levou. E depois o mau disse “Policia anda cá, põe o ratinho na prisão!”.

**Investigadora:** E depois, o que aconteceu?

**Criança G:** Depois, ele ficou a chorar ou triste, não sei. Os ratinhos podem chorar ou não choram?

**Investigadora:** Sim, eles podem chorar. Podem fazer tudo na nossa imaginação.

**Criança G:** (tira a carta do parque) E depois foram ao parque.

**Investigadora:** E o que fizeram lá, todos juntos?

**Criança G:** Brincaram, a jogar à bola.

**Investigadora:** E depois?

**Criança G:** E depois estavam muito cansados e foram dormir.

➤ Criança H

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança H:** (tira a carta da Lua) A Lua.

**Investigadora:** E a Lua tinha o quê? Um amigo chamado...

**Criança H:** (tira a carta do leão) Leão.

**Investigadora:** E usava um...

**Criança H:** (tira a carta do chapéu) Chapéu.

**Investigadora:** O que será que o leão fazia com o chapéu?

**Criança H:** Não sei.

**Investigadora:** Não sabes?

**Criança H:** Fazia... punha ao sol.

**Investigadora:** E será que ele tinha amigos?

**Criança H:** Tinha.

**Investigadora:** Quem?

**Criança H:** (tira a carta da gazela) Um veado.

**Investigadora:** O que será que eles faziam juntos?

**Criança H:** Iam agora pôr o chapéu à estrela.

**Investigadora:** E mais...

**Criança H:** E agora foi outro animal lá.

**Investigadora:** Quem era?

**Criança H:** (tira a carta da girafa) A girafa.

**Investigadora:** E a girafa usava ou tinha alguma coisa?

**Criança H:** (tira a carta da guitarra) Tinha uma guitarra.

**Investigadora:** E o que ela fazia com os amigos e a guitarra?

**Criança H:** Música e dança.

**Investigadora:** E depois o que eles faziam os três?

**Criança H:** Agora foram às nuvens. E puseram em cima das nuvens o chapéu.

**Investigadora:** E foram onde depois?

**Criança H:** (tira a carta da floresta) À floresta.

**Investigadora:** E quem encontraram lá?

**Criança H:** (tira a carta do tigre) Um tigre.

**Investigadora:** E o que o tigre trazia com ele?

**Criança H:** (tira a carta da mala) Uma mala.

**Investigadora:** E o que ele trazia dentro da mala?

**Criança H:** Trazia roupa, sapatos e mais roupa e mais sapatos.

**Investigadora:** O que eles fizeram com essa roupa e os sapatos?

**Criança H:** Calçaram-se.

**Investigadora:** E o leão o que ele se vestiu?

**Criança H:** Vestiu-se de *Swarovski*.

**Investigadora:** Então e o veado o que ele se vestiu?

**Criança H:** Vestiu-se de rena.

**Investigadora:** E a girafa?

**Criança H:** Vestiu de pessoa. E o tigre de Ana.

**Investigadora:** E depois o que aconteceu na tua história?

**Criança H:** Apareceu a nuvem e depois choveu e depois foram para casa.

➤ Criança I

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança I:** (tira a carta do rinoceronte) Um rinoceronte.

**Investigadora:** Como é que ele se chamava?

**Criança I:** Chamava-se João.

**Investigadora:** E o que ele tinha?

**Criança I:** (tira a carta do relógio) Tinha um relógio.

**Investigadora:** Onde é que ele vivia?

**Criança I:** (tira a carta do parque) Vivia num parque, eu ainda não fui a este parque.

**Investigadora:** O que ele fazia no parque?

**Criança I:** Estava a brincar no escorrega.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança I:** Brincou muito bem, aqui e aqui (apontou para a imagem no baloiço e do balancé).

**Investigadora:** Será que existia mais amigos no parque?

**Criança I:** (tira a carta da girafa) Sim! A girafa!

**Investigadora:** Como se chamava a girafa?

**Criança I:** Mariana.

**Investigadora:** Será que a amiga girafa Mariana tinha algum objeto consigo?

**Criança I:** (tira a carta do telefone) Sim, um telefone!

**Investigadora:** Para que será que ela usava o telefone?

**Criança I:** Estava a telefonar para o primo.

**Investigadora:** Quem era o primo da Mariana?

**Criança I:** (tira a carta do tigre) O Manuel, o tigre.

**Investigadora:** O que é que ele levou com ele?

**Criança I:** (tira a carta da guitarra) Uma guitarra.

**Investigadora:** O que será que ele fazia com a guitarra?

**Criança I:** Tocava para os amigos ouvirem.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança I:** (tira a carta da ilha) Foram passear.

**Investigadora:** O que será que eles faziam na ilha?

**Criança I:** Estavam a brincar na areia e estavam a buscar água para explodir os castelos com ela. Eles gostam!

**Investigadora:** E eles gostavam de dar mergulhos ou tinham medo?

**Criança I:** Tinham medo, mas a girafa Mariana não tinha. E eles gostam de explodir os castelos com os pés, o elefante mandava água com a tromba e saltava até partir os castelos. E partiu-se tudo.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança I:** Eles estavam contentes! Todos!

**Investigadora:** E depois?

**Criança I:** (tira a carta do urso) Chamaram um amigo, o urso.

**Investigadora:** Como se chamava o amigo urso?

**Criança I:** Tiago!

**Investigadora:** O que ele tinha consigo?

**Criança I:** (tira a carta do chapéu) Tinha um chapéu e andava assim (imita uma pessoa a andar com um cajado).

**Investigadora:** Muito bem! E o depois?

**Criança I:** (tira a carta da praia) Depois foram passear para a praia.

**Investigadora:** E o que eles fizeram na praia?

**Criança I:** Brincaram na água, faziam castelos e ficavam sentados. Depois vinha a água e partia os castelos.

**Investigadora:** E mais?

**Criança I:** (tira a carta da zebra) Estavam-se a divertir muito! E chamaram uma amiga, a zebra!

**Investigadora:** Qual era o nome da zebra?

**Criança I:** Chama-se Henrique.

**Investigadora:** E o que ela levou para a praia?

**Criança I:** (tira a carta da bola) Uma bola.

**Investigadora:** Quando a zebra Henrique chegou, o que é que eles fizeram?

**Criança I:** Brincaram todos juntos com a bola e estava muito sol.

**Investigadora:** Que divertido! E o que eles fizeram mais?

**Criança I:** (tira a carta da Lua) Foram à Lua!

**Investigadora:** E o que eles fizeram na Lua?

**Criança I:** Eles estavam a pontapear a bola até a Lua e bateram na Lua. E depois a bola tocou na Lua e voltou para baixo. E partiu a Lua e caíram pedras verdes da Lua.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança I:** (tirou a carta do elefante) E depois chamou o amigo elefante.

**Investigadora:** Como se chamava o elefante?

**Criança I:** Eu!

**Investigadora:** ‘Criança I’?

**Criança I:** Sim!

**Investigadora:** E o que ele levou?

**Criança I:** (tira a carta dos livros) Livros!

**Investigadora:** E qual era o livro favorito dele?

**Criança I:** (aponta para a imagem) O verde!

**Investigadora:** E quais eram as histórias desse livro?

**Criança I:** De coisas perigosas!

**Investigadora:** E depois?

**Criança I:** Depois o elefante ‘Criança I’ leu a sua história favorita para todos e foram dormir.

➤ Criança J

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança J:** (tira a carta do veado) Era uma vez um veado que andava sozinho, ele andava pela selva e olhou para o lado e depois viu uma coisa que ia encontrar e comer.

**Investigadora:** Comer?

**Criança J:** (tira a carta do elefante) Não, “Olá senhor elefante quer vir dar um passeio comigo?” e ele disse “Sim”.

**Investigadora:** E eles foram passear onde?

**Criança J:** (tira a carta do parque) Foram ao parque.

**Investigadora:** E o que eles fizeram no parque?

**Criança J:** (tira a carta do casaco e do castelo) Andaram de baloiço e depois foram para casa. E depois eles vestiram uma farda que estava frio. E como estava frio e voltaram a casa e depois foram brincar os dois. E depois foram às muralhas.

**Investigadora:** Foram?

**Criança J:** (tira a carta do chapéu) Sim, depois desse dia foram passar umas férias com um senhor de chapéu e ele chamava-se Coelho Brito. E depois ele fazia muitas pinturas antigas.

**Investigadora:** E depois o que se passou?

**Criança J:** (tira a carta da bola) E depois ele já conseguia rodar a bola no dedo.

**Investigadora:** Então ele fazia pinturas e conseguia rodar a bola com o dedo.

**Criança J:** Sim, e conseguia rodar com uma unha.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança J:** Depois, ele conseguiu romper a bola, tinha um chapéu e uma varinha e ele conseguiu fazer a bola, fazer magia sem mexer e a bola ficou de novo cheia. E já está.

➤ Criança L

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança L:** (tira a carta do urso) Um urso.

**Investigadora:** Como é que ele se chamava?

**Criança L:** Polar.

**Investigadora:** E o que ele tinha?

**Criança L:** (tira a carta do casaco) Um casaco.

**Investigadora:** Será que o urso tinha frio?

**Criança L:** Sim e vestiu logo o casaco.

**Investigadora:** Onde é que vivia o urso Polar?

**Criança L:** (tira a carta do parque) Vivia no parque.

**Investigadora:** E o que ele fazia no parque?

**Criança L:** Brincava com os amigos dele.

**Investigadora:** Quem era os amigos dele?

**Criança L:** (tira a carta do elefante) O elefante.

**Investigadora:** Qual era o nome do elefante?

**Criança L:** Rui.

**Investigadora:** E tinha mais?

**Criança L:** (tira a carta da gazela e da girafa) Tinha a amiga gazela chamada Fifi e a amiga girafa.

**Investigadora:** Então, o que será que eles brincavam todos juntos?

**Criança L:** (tira a carta da bola, dos livros, do telefone e da guitarra) Jogavam à bola, brincavam nos escorregas, brincaram com os livros, com o telefone e a guitarra.

**Investigadora:** E quem tocava a guitarra?

**Criança L:** Os senhores.

**Investigadora:** Hum, o senhor Polar ou o senhor Rui?

**Criança L:** O senhor Rui.

**Investigadora:** E o que será que eles faziam mais, todos juntos?

**Criança L:** Faziam tudo!

**Investigadora:** Tudo? Dançavam?

**Criança L:** Sim, também! Liam as histórias, jogavam à bola e brincavam. E esperaram, para vestir a camisola. E brincar, jogar à bola, ler as histórias e telefone.

**Investigadora:** E o que eles faziam com o telefone?

**Criança L:** Viam bonecos.

**Investigadora:** Quais eram os bonecos que eles viam?

**Criança L:** Da *Patrulha Pata* e dos lobos.

**Investigadora:** E não tinham medo?

**Criança L:** Não! Eles eram fortes e tocavam a guitarra.

**Investigadora:** E eles brincaram mais no parque?

**Criança L:** Sim, no escorrega, no balancé, nos cavalos e no escorrega. E depois eles tiveram de beber água da chuva.

**Investigadora:** Choveu?

**Criança L:** Sim e depois foram para casa por causa da chuva.

➤ Criança M

**Investigadora:** (tira a carta do urso) Era uma vez um urso chamado...

**Criança M:** João.

**Investigadora:** E ele tinha uma...?

**Criança M:** (tira a carta da guitarra) Guitarra.

**Investigadora:** E ele gostava de tocar para os amigos ouvirem. Quem seriam esses amigos?

**Criança M:** (tira a carta da gazela e rinoceronte) Uma gazela e um rinoceronte.

**Investigadora:** Como é que eles se chamavam?

**Criança M:** (não responde)

**Investigadora:** Queres ajuda?

**Criança M:** Sim.

**Investigadora:** Luísa, pode ser?

**Criança M:** Sim.

**Investigadora:** E o rinoceronte, como é que ele se chamava?

**Criança M:** (não responde)

**Investigadora:** Apolo, gostas do nome?

**Criança M:** Sim.

**Investigadora:** Onde será que ele tocava guitarra?

**Criança M:** (tira a carta da floresta) Na floresta.

**Investigadora:** E enquanto ele tocava guitarra, o que é que os outros faziam?

**Criança M:** (não responde)

**Investigadora:** Dançavam, será que eles viam as árvores?

**Criança M:** Sim.

**Investigadora:** E se estivesse de noite? O que será que eles viam?

**Criança M:** Tudo.

**Investigadora:** Por vezes, quando olhamos para o céu de noite, o que vemos? Estre...?

**Criança M:** Estrelas.

**Investigadora:** E eles ficaram muito cansados?

**Criança M:** Sim e foram para casa.

➤ Criança N

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança N:** (tira a carta da Lua) Uma Lua.

**Investigadora:** Que tinha o quê?

**Criança N:** (tira a carta do telefone) Telefone.

**Investigadora:** Para quem será que ela telefonava?

**Criança N:** (tira a carta da girafa) Para a girafa, tou tou tou tou, mas ela não tem boca, nem ouvidos, nada. O leão vai comer a girafa, mas, escondeu-se atrás da Lua e agora vai comer a girafa.

**Investigadora:** E ele comeu a girafa?

**Criança N:** Sim, imagina.

**Investigadora:** Onde é que ele foi?

**Criança N:** (tira a carta da ilha) Uma praia, outra vez. E comeu uma coisinha.

**Investigadora:** Ele comia areia?

**Criança N:** Sim, ele quando era um bebé mais assim pequeno.

**Investigadora:** O que ele levou para praia?

**Criança N:** (tira a carta do relógio) Um relógio para mergulhar.

**Investigadora:** Para mergulhar e para ver as ...?

**Criança N:** Horas.

**Investigadora:** E quem foi mais à praia?

**Criança N:** (tira a carta do urso) Um urso, eu adoro ursinhos.

**Investigadora:** O que o urso levou para a praia?

**Criança N:** (tira a carta do casaco) Um casaco.

**Investigadora:** Estava frio na praia?

**Criança N:** Sim, estava muito frio.

**Investigadora:** E depois, como estava muito frio, o que eles fizeram?

**Criança N:** (tira a carta do tigre) Chamaram o tigre.

**Investigadora:** O que o senhor tigre levou com ele?

**Criança N:** (tira a carta da mala) Mala, com roupa para eles.

**Investigadora:** O que o leão vestiu?

**Criança N:** (tira a carta do chapéu, bola e dos óculos) Um chapéu. E levou uma bola, uns óculos e já não sei onde está o chapéu.

**Investigadora:** O que eles fizeram mais na praia? Vestiram a roupa e depois?

**Criança N:** (tira a carta da floresta) Foram à floresta depois da praia, claro.

**Investigadora:** E o que eles fizeram todos na floresta?

**Criança N:** Brincaram às escondidas e estava lá um lobo.

**Investigadora:** Um lobo?

**Criança N:** (tira a carta da consola) Sim, eles levaram uma consola de jogos dentro da mala. E depois foram a outra praia.

**Investigadora:** Fazer?

**Criança N:** Dar mergulhos, outra vez.

**Investigadora:** E ficaram cansados de tantos mergulhos?

**Criança N:** (tira a carta do parque, castelo e da guitarra) Não, foram brincar no parque, foram ao castelo tocar viola e usaram um chapéu. E foram dormir.

➤ Criança O

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança O:** (tira a carta da gazela) Gazela.

**Investigadora:** Como se chamava a gazela?

**Criança O:** Pipa.

**Investigadora:** O que é que ela tinha?

**Criança O:** (tira a carta da bola) Bola.

**Investigadora:** Onde é que ela morava?

**Criança O:** (tira a carta do parque) No parque.

**Investigadora:** E o que ela fazia no parque?

**Criança O:** Brincava nos escorregas, no baloiço e nos cavalos.

**Investigadora:** E ela brincava sozinha?

**Criança O:** (tira a carta do urso) Com o urso.

**Investigadora:** Como se chamava o urso?

**Criança O:** Luís.

**Investigadora:** Como será que brincavam?

**Criança O:** No parque com a bola.

**Investigadora:** Muito bem. Eles jogavam muitos jogos. E o que faziam mais, os dois?

**Criança O:** Brincavam no escorrega, nos baloiços, nos cavalos...

**Investigadora:** Rebolavam na relva?

**Criança O:** Sim, brincavam muito.

**Investigadora:** E será que foram passear depois de brincarem?

**Criança O:** Sim, foram à Alameda.

**Investigadora:** E o que eles viram lá?

**Criança O:** Passarinhos e milho para darem aos passarinhos. E o parque.

**Investigadora:** Era igual ao parque deles?

**Criança O:** Não, depois foram para casa que estavam cansados e dormiram no escorrega.

➤ Criança P

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança P:** (tira a carta da girafa) Girafa.

**Investigadora:** Como é que ela se chamava?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Como se chamava a tua girafa?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Que tal, era uma vez uma girafa chamada Sara?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Sentes-te com vergonha? Queres que eu te ajude mais um pouco?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** Vamos começar de novo. Era uma vez um...

**Criança P:** (tira a carta do rato) Rato.

**Investigadora:** E ele comia o quê?

**Criança P:** Queijo.

**Investigadora:** Com o seu amigo...

**Criança P:** (encolheu os ombros)

**Investigadora:** (tira a carta da gazela) Veado. E para onde eles foram?

**Criança P:** (tira a carta da ilha) Ilha.

**Investigadora:** O que é que eles faziam na ilha?

**Criança P:** Ir mergulhar, brincar na areia, ...

**Investigadora:** Faziam castelos?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** E mais?

**Criança P:** Não sei.

**Investigadora:** Será que eles podiam brincar às escondidas todos juntos?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** Será que o veado conseguia encontrar o ratinho quando ele se escondia?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** E depois?

**Criança P:** (não responde)

**Investigadora:** E durante o jogo eles encontraram um senhor...?

**Criança P:** (tira a carta do leão) Leão.

**Investigadora:** E o leão mesmo com a sua juba tinha frio e precisava de vestir um?

**Criança P:** (tira a carta do casaco) Casaco.

**Investigadora:** Não achas que naquela ilha não estaria muito calor?

**Criança P:** Sim.

**Investigadora:** O que achas que o ratinho e o veado disseram ao leão quando o viram vestido com um casaco naquele calor?

**Criança P:** Não sei.

➤ Criança Q

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança Q:** (tira a carta da zebra) Uma zebra.

**Investigadora:** E como ela se chamava?

**Criança Q:** Savana.

**Investigadora:** E o que é que a zebra Savana tinha?

**Criança Q:** (tira a carta do casaco) Um casaco.

**Investigadora:** E o que aconteceu à Savana?

**Criança Q:** Depois foi para o parque.

**Investigadora:** E o que ela fazia no parque?

**Criança Q:** Brincava muito!

**Investigadora:** Com o quê? Sozinha?

**Criança Q:** Escorregava, baloiçava, girava, andava, baloiçava e ia para aquela ponte aqui que abana. Subia de novo aqui, mas não tinha ninguém para brincar.

**Investigadora:** E o que ela fez?

**Criança Q:** Brincava sozinha e depois foi procurar um amigo para ela brincar.

**Investigadora:** E encontrou o amigo?

**Criança Q:** Sim!

**Investigadora:** Quem seria esse amigo?

**Criança Q:** (tira a carta da girafa) Era a girafa.

**Investigadora:** E como se chamava a girafa?

**Criança Q:** Savana, também.

**Investigadora:** Que giro! E agora que estavam as duas juntas o que será que elas faziam no parque?

**Criança Q:** Brincavam muito, a girafa sentava-se no balancé com a zebra e balançavam. Depois escorregava, escorregava, escorregava e girava, girava e girava. A girafa baloiçava a zebra assim (imitou o som e o movimento de um sino) e depois trocavam de lugar, a zebra é que baloiçava a girafa. E depois ficaram cansada e decidiram beber água do real.

**Investigadora:** E o que se passou depois de beberem água?

**Criança Q:** Voltaram a brincar. Depois a zebra teve de ir embora e a girafa também. A zebra vestiu o seu casaco e foi-se embora para casa e a girafa também, mas primeiro tinha de beber água. E a seguir voltaram e disseram “Olá de novo!” e foram beber muita água.

**Investigadora:** Muito bem. E depois, o que fizeram?

**Criança Q:** (tira a carta do elefante e do tigre) Depois veio o elefante, porque ele também gosta muito de beber água e também queria ir ao parque. Depois começaram a cumprimentar-se “Olá”, disse a zebra e a girafa, e o elefante respondeu “Olá, chamo-me Pumba”. E ele ainda perguntou “Posso beber água?” e elas responderam “Claro, isto é para partilhar.”. E depois apareceu o tigre e tentou caçar os animais todos! E primeiro correu o elefante Pumba e escondeu-se atrás do parque, depois escondeu-se a girafa atrás do casaco dela e a zebra corria e depois fez assim (fez gesto de dar um pontapé) e mandou o tigre embora.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança Q:** E depois a girafa veio festejar com a zebra a dizer “Boa! Boa! Puseste o tigre daqui para fora!” e depois o elefante escondeu-se. Mas, só que o tigre depois voltou, só que desta vez os animais não tinham medo como a zebra, porque eram corajosos e não tinham nada de medo do tigre! E o tigre perguntou-lhes “O que é? Não vão fugir?” e eles responderam um a um “Não!” respondeu a zebra, “Não!” respondeu o elefante e “Não!” respondeu a girafa. E então o tigre disse “Então vou-me embora!” e depois foi simpático, voltou e brincou com eles. Perguntou-lhes “Querem brincar às escondidas?” e o elefante respondeu logo “Sim!”. Depois o tigre disse “Então eu conto”, o elefante escondeu-se atrás do parque e o tigre começou a dizer “Vou-te encontrar! Será que estás aqui? Não! Será que estás atrás do casaco? Não! Eu não encontro o vosso amiguinho” e eles responderam “Está atrás do parque, não viste?” e ele encontrou o elefante e disse “Encontrei-te!”. Mas, depois o tigre voltou para casa, como a girafa e a zebra também. E o elefante queria um amigo para brincar.

**Investigadora:** Quem era?

**Criança Q:** (tirou a carta do urso e da gazela) O Timon, o amigo dele. E o Timon perguntou “Pumba, o que aconteceu?”, ele respondeu “A zebra fugiu e também aquele tigre!” e ele, muito assustado, perguntou “Não, me digas que há um!” e o elefante acalmou-o “Não foi muito simpático!”. E depois chamou outro amigo, que era um amigo de quem eles gostavam muito. Era esta, a menina, tinham um parque para brincar e o Pumba ficou triste, porque a menina e o Timon estavam muito contentes a brincar sozinhos.

**Investigadora:** E o que ele fez?

**Criança Q:** (tira a carta do leão) Arranjou outro amigo para brincar que era o leão que se chamava Simba e perguntou “Olá Simba, queres brincar comigo?” e o Simba respondeu que “Sim! Então e o Timon?” e ele respondeu “O Pumba só se esta a divertir com aquela gazela.” E a gazela disse “É melhor ir para casa! Venho mais logo!” e o Pumba respondeu “Podes ficar só mais um bocadinho?” e ela ficou mais um bocadinho. E depois o Pumba foi apresentar a amiga gazela ao Simba. O Simba disse “Olá” e a gazela gritou e escondeu-se atrás do parque até que o Simba tentou encontrar e disse “Anda cá, eu vou encontrar-te e quero-te conhecer!”. Só que ele tenta sempre os conhecer, mas não consegue. E depois a gazela foi para casa, Pumba, Timon e o Simba, foram todos para casa.

➤ Criança R

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança R:** (tira a carta do tigre) Tigre.

**Investigadora:** Como chamava o tigre?

**Criança R:** Tiago.

**Investigadora:** E que objeto tinha ele?

**Criança R:** (tira a carta do relógio) Relógio.

**Investigadora:** Onde será que ele vivia?

**Criança R:** (tira a carta da ilha) Aqui.

**Investigadora:** Na ilha. E será que vivia sozinho na ilha?

**Criança R:** (tira a carta da gazela) Não, vivia com a gazela Sofia.

**Investigadora:** Será que eles faziam algo juntos na ilha?

**Criança R:** (tira a carta do chapéu) Brincavam e depois encontraram um chapéu.

**Investigadora:** Qual era a brincadeira em que eles usavam o chapéu?

**Criança R:** Brincavam de mágico. Depois foram para dentro do chapéu e desapareceram.

**Investigadora:** E para onde é que eles foram?

**Criança R:** (tira a carta do parque) Para o parque.

**Investigadora:** E onde brincaram no parque?

**Criança R:** Nos escorregas, nos baloiços e nos cavalos. E desapareceram outra vez.

**Investigadora:** Onde foram?

**Criança R:** (tira a carta da ilha) Para a praia, pular aqui.

**Investigadora:** Eles foram brincar para as rochas. E o que eles faziam mais na praia?

**Criança R:** (tira a carta dos óculos) Jogavam à bola e tinham uns óculos que faziam magia.

**Investigadora:** Também eram mágicos?

**Criança R:** (tira a carta da floresta) Sim! E depois foram para a floresta e brincaram juntos lá.

**Investigadora:** O que será que eles viram na floresta?

**Criança R:** (tira a carta do rinoceronte e do rato) Viram um rinoceronte e um rato.

**Investigadora:** O que é que o rato levava com ele?

**Criança R:** Levava um queijo e comiam-no.

**Investigadora:** E o que aconteceu depois?

**Criança R:** (tira a carta da Lua) E depois ele não gostava do queijo e foi-se embora, e foi outra vez para outro mundo. Para a Lua.

**Investigadora:** E ao que eles brincaram na Lua?

**Criança R:** Eles brincaram a dar a volta, assim e brincavam à apanhada.

**Investigadora:** E depois?

**Criança R:** (tira a carta do castelo) E depois, foram embora buscar uma coisa, e foi com uma cadeira e pulou a cadeira os dois a brincar. E depois foram embora para outro mundo, para o castelo.

**Investigadora:** E o que eles fizeram no castelo?

**Criança R:** Brincavam, a tentar subir à parte de cima e dar um toque no sino da igreja.

**Investigadora:** E depois?

**Criança R:** E depois foram para a floresta descansar. E vitória, vitória, acabou a história.

#### ➤ Criança S

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança S:** (tira a carta da girafa) Uma girafa.

**Investigadora:** Como se chamava?

**Criança S:** Sara.

**Investigadora:** O que será que ela tinha com ela?

**Criança S:** (tira a carta do telefone) Um telefone.

**Investigadora:** Muito bem! Onde será que ela vivia, sabes?

**Criança S:** (tira a carta da floresta) Na floresta.

**Investigadora:** Como é que a girafa Sara ocupava o seu tempo na floresta?

**Criança S:** Passeava.

**Investigadora:** Sozinha?

**Criança S:** (tira a carta do elefante) Não, com o elefante.

**Investigadora:** Qual era o nome do elefante?

**Criança S:** Não sei.

**Investigadora:** Hum, será que Donald era um bom nome para um elefante?

**Criança S:** Sim!

**Investigadora:** E ele tinha algo com ele?

**Criança S:** (tira a carta da mala) Uma mala.

**Investigadora:** E o que será que ele tinha dentro da mala, sabes?

**Criança S:** (tira a carta da guitarra) Uma viola.

**Investigadora:** Boa, tinha uma viola dentro da mala. O que será que ele fazia com a viola?

**Criança S:** Tocava música para a girafa Sara.

**Investigadora:** E ela gostava da música?

**Criança S:** Sim, ela dançava.

**Investigadora:** O que aconteceu a seguir?

**Criança S:** Foram passear na floresta.

**Investigadora:** O que será que eles viram enquanto passearam?

**Criança S:** Viram as árvores e água.

**Investigadora:** E brincavam?

**Criança S:** Brincavam à apanhada e corriam.

**Investigadora:** Quem ganha nas corridas?

**Criança S:** Os dois.

**Investigadora:** E depois?

**Criança S:** Depois tocaram viola, saltaram e correram muito.

**Investigadora:** Hum, e o que aconteceu depois?

**Criança S:** Depois foram brincar ao jogo da macaquinha.

**Investigadora:** Como é que se joga esse jogo?

**Criança S:** Eles saltaram muito como um coelhinho.

**Investigadora:** Parece muito divertido, eu nunca joguei a esse jogo.

**Criança S:** Foram a correr para o campo brincar e decidiram brincar a noite toda.

➤ Criança T

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança T:** (tira a carta do elefante) Um elefante.

**Investigadora:** Como é que ele se chamava?

**Criança T:** João.

**Investigadora:** E o que ele fazia?

**Criança T:** (tira a carta do rato) Brincar com o ratinho.

**Investigadora:** Como se chamava o ratinho?

**Criança T:** Ratinho.

**Investigadora:** O que é que eles brincavam os dois?

**Criança T:** Ele primeiro acaba de comer o queijo e depois ia correndo, correndo, correndo para brincar com o elefante.

**Investigadora:** E depois, o que será que fizeram mais?

**Criança T:** (tira a carta do leão) Depois foram brincar com o leão.

**Investigadora:** Como chamava o leão?

**Criança T:** João.

**Investigadora:** Também se chamava João?

**Criança T:** (tira a carta do tigre) Sim, como se chamam os dois João têm de ficar juntos. E depois eles foram brincar com o tigre.

**Investigadora:** E como se chamava o tigre?

**Criança T:** João.

**Investigadora:** Também?

**Criança T:** Sim.

**Investigadora:** E o que será que eles todos brincavam?

**Criança T:** (tira a carta da bola) À bola.

**Investigadora:** Quantas amigos tinha o ratinho?

**Criança T:** Este é João, este é João e este é João. 1, 2, e 3. São 3. Então andaram os três a jogar à bola. Um daquele lado, outro à frente e outro daquele lado. Depois, eles ficaram cansados. E depois foram para casa.

**Investigadora:** E acabou a tua história?

**Criança T:** Não, depois foram brincar com este animal.

**Investigadora:** Quem é esse animal?

**Criança T:** (tira a carta da gazela e da zebra) Uma gazela e chamava-se João. E depois ele ligou à girafa que se chamava João e depois eles estavam sempre a ligar até ficarem cansados. E depois quando eles começaram a descansar, ligavam para a zebra.

**Investigadora:** E o que eles faziam todos juntos?

**Criança T:** Então, eles são, 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. São os sete João.

**Investigadora:** E onde é que eles brincavam?

**Criança T:** (tira a carta da floresta) Na floresta com à bola. E eles ficaram muito cansados.

**Investigadora:** Porque brincaram muito?

**Criança T:** Pois.

**Investigadora:** E se ficaram cansados, o que é que eles fizeram depois?

**Criança T:** Foram para casa e depois quando eles estiveram a descansar, jogar no tablet, no telefone ou do computador. E eles foram dormir que ficaram cansados de jogar.

➤ Criança U

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança U:** (tira a carta da girafa) Uma girafa.

**Investigadora:** Como é que ela se chamava?

**Criança U:** Não sei.

**Investigadora:** Não sabes um nome?

**Criança U:** Girafa.

**Investigadora:** Era uma vez uma girafa. O que será que ela usava?

**Criança U:** Não sei.

**Investigadora:** Tira um cartão.

**Criança U:** (tira a carta dos óculos) Uns óculos.

**Investigadora:** De que cor era os óculos da girafa?

**Criança U:** Pretos.

**Investigadora:** O que será que ela via com os óculos?

**Criança U:** O sol.

**Investigadora:** E mais? Onde será que ela morava?

**Criança U:** (tira a carta da ilha) Numa ilha.

**Investigadora:** Será que ela morava sozinha?

**Criança U:** Sim.

**Investigadora:** E o que será que ela fazia sozinha com os seus óculos?

**Criança U:** Porque ela quer descansar.

**Investigadora:** Estava muito cansada?

**Criança U:** Estava, porque ela estava cansada de comer e queria óculos e ficou ali a descansar.

**Investigadora:** E o que ela fazia mais na ilha? Só descansava?

**Criança U:** Descansava porque ela correu muito.

**Investigadora:** Sozinha ou com amigos?

**Criança U:** Com amigos.

**Investigadora:** Quem eram?

**Criança U:** (tira a carta do elefante) Com o elefante.

**Investigadora:** E havia mais amigos?

**Criança U:** (tira a carta do leão) Sim, tinha mais amigos. O leão.

**Investigadora:** O que é que eles faziam os três na ilha?

**Criança U:** Brincavam muito.

**Investigadora:** Onde?

**Criança U:** Lá na erva da girafa.

**Investigadora:** E depois?

**Criança U:** Eles brincavam muito e depois foram para casa deles.

➤ Criança V

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança V:** (tira a carta da gazela) O veado.

**Investigadora:** Como se chamava o teu veado?

**Criança V:** Não sei.

**Investigadora:** Escolhe um nome de que gostes muito.

**Criança V:** Um nome... um nome, não sei.

**Investigadora:** Pode ser Salvador?

**Criança V:** Salvador.

**Investigadora:** E o que ele levava com ele?

**Criança V:** (tira a carta do relógio) Um relógio.

**Investigadora:** Será gostava de ver as horas? Que horas seriam?

**Criança V:** São dez horas.

**Investigadora:** E ele gostava do seu relógio?

**Criança V:** Sim.

**Investigadora:** Onde é que ele vivia?

**Criança V:** (tira a carta do parque) Vivia no parque, eu também já fui a este parque com o meu pai e a minha mãe.

**Investigadora:** Muito bem! E o que é que o veado fazia no parque?

**Criança V:** Andava no escorrega, nos baloiços, nos cavalinhos e no balancé.

**Investigadora:** Que divertido! E ele brincava sozinho ou com um amigo?

**Criança V:** Acho que estava lá outro.

**Investigadora:** Quem era?

**Criança V:** (tira a carta da girafa) A girafa.

**Investigadora:** Então a girafa era amiga do veado Salvador. Qual seria o nome da girafa?

**Criança V:** Chamava-se Apolo.

**Investigadora:** E o que será que eles faziam os dois?

**Criança V:** Juntaram-se todos para brincar no parque.

**Investigadora:** A que jogo, sabes?

**Criança V:** Brincaram no escorrega.

**Investigadora:** E será que brincaram noutra lugar?

**Criança V:** (tira a carta da praia) Foram à praia.

**Investigadora:** E o que aconteceu na praia?

**Criança V:** Brincaram na água, davam saltos, viram peixinhos e caranguejos.

**Investigadora:** E depois?

**Criança V:** (tira a carta da ilha) E agora foram a outro lugar. Foram a uma ilha dar saltos, peixinhos e cavalos-marinhos.

**Investigadora:** Será que eles ficaram cansados depois desse dia maravilhoso?

**Criança V:** Ficaram e foram descansar para casa.

➤ Criança X

**Investigadora:** Era uma vez...

**Criança X:** (tira a carta do rato) Rato.

**Investigadora:** Como se chamava o rato.

**Criança X:** Chamava-se Tiago.

**Investigadora:** E o que ele comia?

**Criança X:** Queijo.

**Investigadora:** Quem era o amigo do rato Tiago?

**Criança X:** (Tira a carta do elefante) O elefante.

**Investigadora:** Como se chamava o elefante?

**Criança X:** Pedro.

**Investigadora:** Onde é que viviam?

**Criança X:** (tira a carta da praia) Na praia.

**Investigadora:** E o que eles faziam na praia?

**Criança X:** (não respondia)

**Investigadora:** Davam mergulhos? Brincavam na areia? Apanhavam caranguejos?

**Criança X:** Sim!

**Investigadora:** Brincavam muito na praia? E estavam contentes?

**Criança X:** Sim! E ficaram cansados e foram descansar.